RAP NACIONAL

rapnacional.com.br

EDIÇÃO ESPECIAL 1 ANO DE REVISTA

ED N°6 - ANO I

R$11,99

PÔSTER GRÁTIS

MIL FACES DE UM HOMEM LEAL

ENTREVISTA EXCLUSIVA

MANO BROWN

Se você pensa que já conhece tudo sobre o maior ídolo da juventude pobre, preta e periférica, vai se surpreender ao ler esta revista

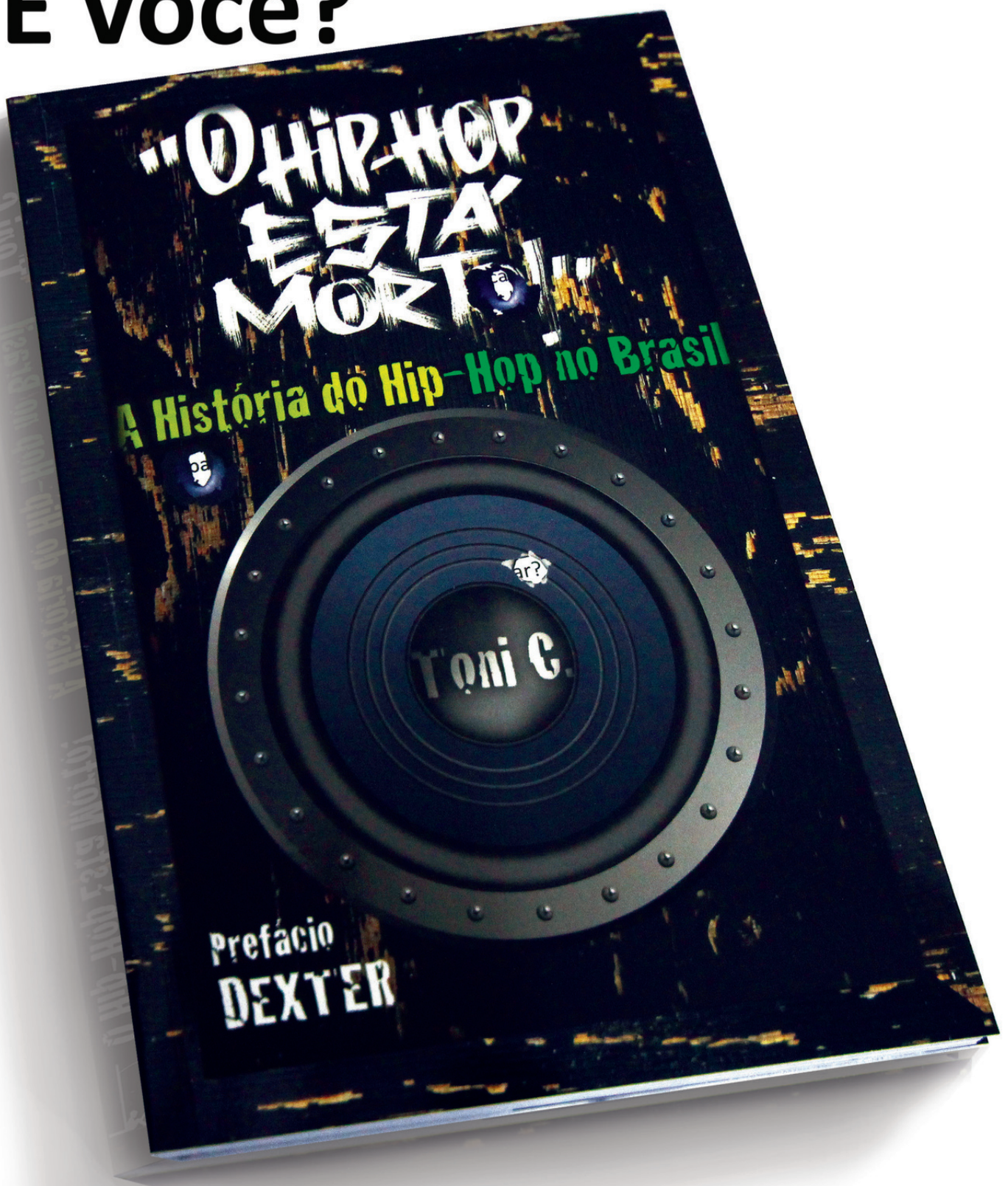
REVISTA RAP NACIONAL N°6

WWW.RAPNACIONAL.COM.BR

OUTUBRO-NOVEMBRO/2012


O Hip Hop Está Morto!
BLACK PANTHER
PARTY
EZICA MENA

Eles leram...
E voce?



COMPRE JÁ

www.LiteraRUA.com.br



Página 21

Páginas 26 e 27





Páginas 38 a 61



Páginas 64 a 68



Páginas 30 a 33



Páginas 74 a 79



Páginas 96 a 98



Editorial

1 ANO DE REVISTA RAP NACIONAL

Essa é uma edição muito especial para toda a equipe que faz a revista RAP NACIONAL.

Há um ano, mais precisamente no dia 1° de outubro, a revista deixou de ser um sonho para se tornar realidade. Nesse primeiro ano tivemos que superar muitos obstáculos para mantê-la viva. Mas cada novo desafio serviu de estímulo, porque tínhamos que provar que nosso movimento é forte, unido e tem voz. Nossa força só aumentou e prova disso é que a revista dobrou de tamanho e passamos de 52 para 100 páginas.

Outra motivo para comemorarmos é que a partir desse mês a revista também será vendida nas bancas e dessa maneira vamos conseguir atingir um número ainda maior de pessoas, inclusive despertar o interesse naqueles que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer nossa cultura.

E para comemorar tantas vitórias e marcar o aniversário de um ano, tivemos a honra de conversar com Mano Brown, que nos concedeu um entrevista exclusiva e falou sobre alguns temas polêmicos, fez reflexões sobre o cotidiano e até revelações sobre a sua própria personalidade. E sabe por que ele falou tão abertamente com a revista RAP NACIONAL? Nas próximas páginas você descobre.

Aprecie cada palavra da entrevista como se fossem pequenos goles do mais raro vinho.



Publicação:
Portal RAP Nacional
www.rapnacional.com.br
Tiragem:
50 mil exemplares
Diretor:
Willian Domingues (Mandrake)
Jornalista Responsável:
Elaine Mafra (Mtb 47.959)
Projeto Gráfico e Diagramação:
Willian Domingues (Mandrake)
Foto da capa e pôster:
Márcio Salata
Colaboraram com esta edição:
Cristiane Oliveira, Paula Farias, Toni C. e Rachel Quintiliano
Departamento Comercial:
[47] 3046.6156
[47] 7813.8470 (Nextel)
985*21322 (ID Nextel)
revista@rapnacional.com.br
Operação em Bancas
Assessoria
EDICASE
www.edicase.com.br
Distribuição Exclusiva em Bancas
FC COMERCIAL E DISTRIBUIDORA S.A.
Manuseio
FG PRESS
www.fgpress.com.br

Twitter
twitter.com/rapnacional
Facebook
facebook.com/rapnacional


KINGS
PREGAD
APRE



DOR LUO
ESENTA

KINGS
sneakers

WWW.LOJAKINGS.COM.BR

NIKE SPORTSWEAR · VANS "OFF THE WALL" · Diamond SUPPLY CO. · EVOKE EYEWEAR · NIXON · new balance

AS MELHORES MARCAS
DE LIFESTYLE DO PLANETA
ESTÃO NA KINGS

AGORA TAMBÉM NO SHOPPING
PRAÇA DA MOÇA EM DIADEMA-SP

SHOPPING
Praça da Moça
DIADEMA

Resultado da Promoção

Recebemos muitas fotos criativas, mas quem faturou o Kit Rap Nacional foi o bebezinho Douglas, que mora no Paraná e adora brincar com as Revistas do papai. Parabéns ao pequeno vencedor. Ao lado você confere as fotos dos outros semi-finalistas.









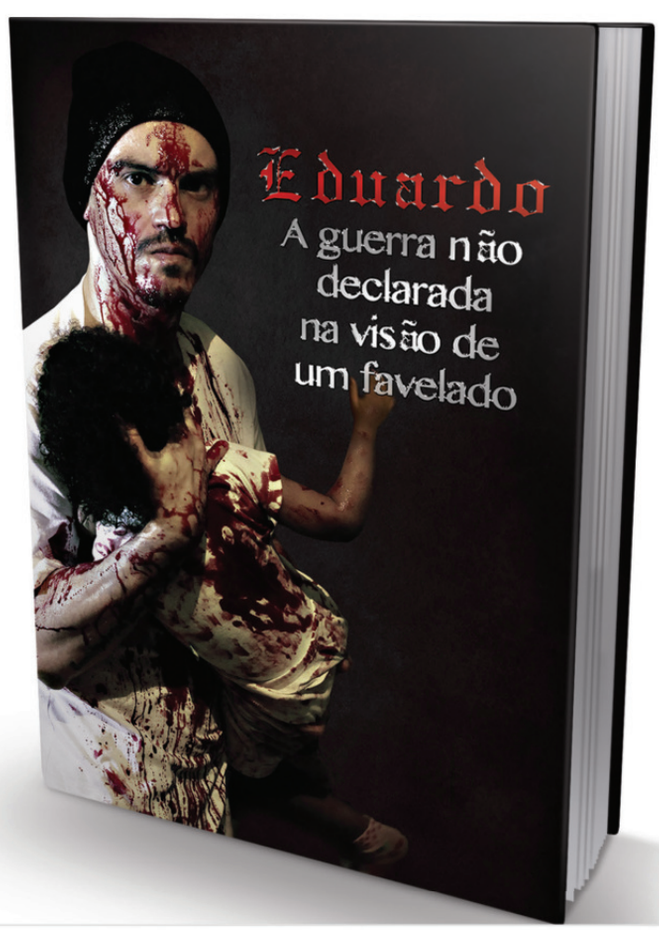






MIL LIVROS VENDIDOS NA PRÉ-VENDA

O tão esperado livro de Eduardo, Facção Central, agora é realidade. A pré-venda começou no dia 03 de setembro e os mil livros da primeira edição esgotaram em poucos dias, mas uma nova remessa já chegou. Esse foi um verdadeiro recorde de vendas.Todos que compraram na pré-venda receberam o livro autografado. O livro tem 616 páginas e esta sendo vendido a apenas R$ 30,00. Eduardo teve a preocupação de não deixar o livro ser vendido acima desse valor, já que a intenção é fazer com que a periferia tenha acesso a obra. Se você ainda não comprou o seu exemplar de "A guerra não declarada na visão de um favelado" acesse lojarapnacional.com.br e garanta o seu.



Sua opinião é muito importante para nós, entre em contato conosco

revista@rapnacional.com.br | www.rapnacional.com.br

Acompanhe-nos e participe das promoções facebook.com/rapnacional e twitter.com/rapnacional

Dexter lança Revista Rap Nacional em Aracaju







De 3 a 5 de setembro, o Oitavo Anjo esteve em Aracaju/SE para o lançamento da 5ª edição da Revista Rap Nacional. A programação do evento ficou por conta da Nação Hip-Hop Brasil, que promoveu lançamentos em diferentes pontos da capital sergipana. A juventude do Projovem, as comunidades do Ponto Novo, São Carlos e Santa Maria puderam ver de perto o rapper e receber uma revista autografada. A ação foi viabilizada através de uma parceria entre a Revista Rap Nacional e a Prefeitura de Aracaju, que adquiriu centenas de exemplares para serem distribuídos de graça à população carente. Durante um dos lançamentos, Dexter aproveitou para agradecer a vereadora Karla Trindade (PCdoB) pela autoria da Lei 4.064, que cria a Semana do Hip Hop em Aracaju. Na mesma ocasião, o Oitavo Anjo foi condecorado padrinho da Lei 4.064 e reforçou seu respeito ao hip-hop sergipano, apostando em mais conquistas

O Rap Nacional vai às escolas



Se queremos que no futuro o hip-hop seja cultivado em sua essência, temos que passar esse conhecimento agora para nossas crianças. E foi com esse objetivo que o diretor do Portal e Revista Rap Nacional, Mandrake, e a jornalista responsável pelas duas publicações, Elaine Mafra, foram conversar com crianças e adolescentes no final do mês de agosto. O bate-papo rolou no Núcleo Educacional de Contra Turno (NEC) de Itajaí/SC e faz parte de um projeto desenvolvido pela professora Rúbia Cristina dos Santos. Mandrake e Elaine Mafra falaram sobre a história e os elementos do hip-hop, os protestos nas letras de rap e vários outros assuntos. A molecada curtiu muito a conversa e aproveitou para fazer várias perguntas sobre o tema. Dias antes da palestra, a professora Rúbia selecionou vários raps para apresentar aos alunos e o que eles mais gostaram foi MC Cauan, que inclusive gravou um vídeo agradecendo aos alunos e falou da vontade de fazer uma visita ao NEC.

LANÇAMENTOS

Nesta seção vamos mostrar os últimos lançamentos em videoclipe, CD's, livros e tudo que envolva o RAP NACIONAL até o fechamento desta edição.



Racionais Mc's acaba de lançar o videoclipe "Mente do Vilão", que traz cenas pesadas de Mano Brown apanhando em um galpão, além das participações especiais de Du Bronks, Don Pixote e William Magalhães.



"Eu Sou", é um Rap de **Max B.O.**, produzido por Cabes CWB, que agora ganhou videoclipe, resultado da parceria entre a Fábrica de Rap, Studio 12mm, Supergrom e Albertini'z Family.



"Direto das Ruas de Terra" é o novo videoclipe do grupo paranaense **Facinora Mc's**. O video que conseguiu ilustrar as letras pesada da música tem a produção de Tiago de Jesus.



Apelidado Xis lançou o videoclipe da nova música "Entre o Amor e o Ódio", que faz parte da esperada Xistape Vol.2. Produzido por Manos da Música, Green Alien, Estudio Riff e Goma Oficina.



MC Rashid acaba de lançar o videoclipe da música intitulada "R.A.P", que tem produção de Skeeter e faz parte da última mixtape do rapper. A direção é de Bruno Cons.

A.X.L. acaba de lançar o videoclipe da música "Não Mano (Remix)", com participação de Flora Matos e Mv Bill. O vídeo tem direção de Bruno Cons.



Marcelo D2 lançou o videoclipe #EuTenho Poder. Essa é uma das músicas do novo disco "Nada pode me parar", que tem 16 faixas. A proposta é que todas as músicas ganhem versões em videoclipe. O vídeo #Eu Tenho Poder foi dirigido por Gandja Monteiro!



Lívia Cruz surpreende e representa bem o RAP feminino com o vídeo de "Não foi em vão", que tem a produção musical de Dj Caique, backing vocals de Vanessa Moura e direção do vídeo de Alice Riff.





"Tem Que Dar Valor", de **DG Especialista,** tem produção de DJ MK e participação de Rincon Sapiência. Já o vídeo foi dirigido por André Ramiro, que atuou no filme Tropa de Elite no papel do policial Mathias.



MC Gra mostra a força do hip-hop feminino no videoclipe. 'Simples Mente'. A produção foi feita por "Locomotiva Filmes", produtora campeã do "Make it Short: International Short Filmes Project by Antonio Bandeiras 2012.



O clipe de **Pop Black** foi gravado no centro velho de São Paulo, Pinheiros e Florianópolis em Santa Catarina. "Mundo Cão" tem direção e produção de Vras77.


BEATZ
BEATZ SHOP
O HIP HOP SHOP MAIS COMPLETO DO BRASIL
RUA 24 DE MAIO Nº 62 | SUBSOLO, LOJA 50
AVENIDA SÃO JOÃO Nº 439 | SUBSOLO, LOJA 16
TELEFONES: (011) 3333-3170 | 3338-1298

O PONTO OFICIAL DE TODA LINHA DE PRODUTOS

EMICIDA · AO CUBO · AXL · STRAAT

CDS, DVDS, LPS, RAP NACIONAL E INTERNACIONAL









BONÉS A RUA ÉNÓIZ











HEADPHONE SKULLCANDY









BONÉS, CAMISETAS, ACESSÓRIOS, ROUPAS, FONES DE OUVIDO, LIVROS, REVISTAS E BOTTONS.

TODO O UNIVERSO DA CULTURA HIP HOP NACIONAL, INTERNACIONAL E INDEPENDENTE VOCÊ SÓ ENCONTRA AQUI!



.BEATZ CONTATOS

FACEBOOK.COM/BEATZSHOP
TWITTER.COM/BEATZSHOP
BEATZSHOP
CONTATO@BEATZSHOP.COM.BR

ENTREGAMOS PARA TODO O BRASIL
VIA SEDEX OU PAC CORREIOS

VENDEDOR OFICIAL SKULL CANDY SONY PHILIPS

Aconteceu!

DVD do Criolo & Emicida

FOTOS DIVULGAÇÃO









Criolo e Emicida gravaram juntos em São Paulo o primeiro DVD de suas carreiras, no dia 08 de setembro. As imagens foram captadas através de 40 mini-câmeras, 18 delas acopladas em microfones e nas cabeças dos artistas e dos integrantes da banda. O DVD terá canções dos álbuns "Nó na Orelha" (2011) e "Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida Até que eu Cheguei Longe" (2009), e deve ser lançado em 2013. Mano Brown participou da gravação do DVD cantando as músicas "Vida Loka" e "Capítulo 4 Versículo 3".





Lançamento do novo disco Arma-Zen

No dia 11 de setembro o grupo Arma-zen lançou o novo disco M.A.F.I.A (Muitas Atitudes Formam Ideias em Armas), no Teatro Alvaro de Carvalho, em Florianópolis/SC. Negro Rudhy, Mc Khlaff, Maicom Maloka, Ca-zlú, Karyhn, Pako e Dj Monrá fizeram uma bela apresentação, emocionando o público que lotou o teatro para conferir ao vivo as músicas do novo CD. Para fechar a noite com chave de ouro rolou ainda show do grupo Inquérito. O evento foi promovido por meio do Projeto TAC 7:30, da Fundação Catarinense de Cultura.



















FOTOS ARNALDO SOARES

100% Favela - 12 anos de Rap

A tradicional festa 100% Favela, que rola todos os anos na favela do Godói, no bairro Capão Redondo, em São Paulo/SP, foi realizada em 08 de setembro. Uma multidão lotou a Rua Adoasto de Godoi para prestigiar cerca de 25 atrações que se apresentaram durante mais de 12h de Rap Nacional. Este ano, a festa marcou o pré-lançamento do CD "Bang Africano". Toda a renda do 100% Favela é revertida para a ONG Periferia Ativa, que atende crianças e adolescentes da comunidade.

Gravação do DVD do Realidade Cruel

O primeiro DVD do grupo Realidade Cruel foi gravado no dia 15 de setembro, durante o Gangsta Paradise 3. O evento foi realizado na Quadra da Peruche, em São Paulo/SP, e reuniu grandes atrações como: Edi Rock, Ao Cubo, Detentos do Rap, Facção Central, Dexter, Consciência Humana, DBS, Nicole, Consciência x Atual, A Família, A286, MC Cauan e DMN. A apresentação da festa ficou por conta de Max B.O, que mandou vários improvisos e interagiu com o público. A previsão é que o DVD seja lançado em dezembro junto com um CD ao Vivo.



FOTOS JURSSA



Aconteceu!



FOTOS ZEZINHO KINTE

Mano Brown e convidados no CCJ

Mano Brown fez show no dia 16 de setembro em São Paulo e convidou Dexter, Edi Rock, Emicida, Projota, Flora Matos e Shirley Casa Verde para participarem do evento que rolou no Centro Cultural Ruth Cardoso (CCJ), que fica na zona norte da capital paulista. A junção de estilos e gerações empolgou o público que prestigiou as apresentações. Mano Brown estava acompanhado ainda por Lino Krizz, Du Bronks, Big Boy e os DJs Will e Ajamu. Este é o sétimo ano que o CCJ realiza em de setembro o "Mês da Cultura Independente".



VMB 2012



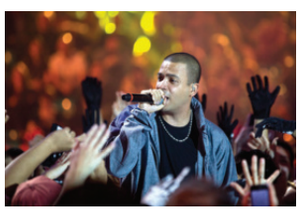






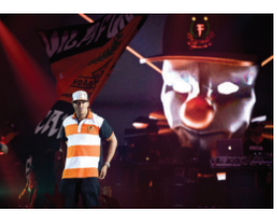
O Rap foi um dos gêneros musicais que mais brilhou no Video Music Brasil 2012, o VMB da MTV. A festa rolou no dia 20 de setembro, em São Paulo/SP, e começou com Criolo entregando o troféu de Revelação para Projota. B Negão e Os Seletores de Frequência venceram na categoria Melhor Disco. Já Emicida faturou Melhor Música com "Dedo na Ferida". Criolo levou para casa o prêmio de Melhor Artista do Ano e Racionais MCs recebeu o troféu de Melhor Clipe com "Mil Faces de Um Homem Leal".

O Rap brilhou ainda nas apresentações de Emicida, Projota, ConeCrewDiretoria, Marcelo D2 e no rap rock de Planet Hemp, que fez sua primeira apresentação depois de anos afastados. Mas a atração mais esperada da noite foi o show do Racionais MC's que levou muitos parceiros para o palco, motos, grafiteiros e a bandeira da Vila Fundão. Mano Brown chegou acompanhado por um time de peso e abriu o show com "Cores e Valores", na sequência vieram as clássicas "Negro Drama" e "Eu Sou 157". Edi Rock também brilhou ao lado de Seu Jorge com a emocionante "That's My Way". O velho novo Racionais mostrou que esta mais vivo do que nunca e que sua postura é a mesma, seja nas ruas batidas do Capão Redondo ou no palco de uma emissora de TV.



















CAPÃO - SP
100 ANOS

PARABÉNS GUERREIROS

1DASUL

DESDE 1999 NO CAPÃO REDONDO

Capão Redondo - Av. Comendador Sant'anna, 138 - Fone: (11) 5870 7409
Galeria do Rock - Rua Vinte e Quatro de Maio, 62 /Loja 40 - Fone: (11) 3222 8387



Detentos do RAP faz mega espetá

Por Elaine Mafra | **Fotos** Avelino Regicida

Se alguém ainda tinha dúvida que o Rap de protesto continua firme e esta mais forte do que nunca, teve a prova na noite de 06 de setembro, durante a gravação do DVD do Detentos do Rap. Maurício DTS, Daniel Sancy e DJ Colina proporcionaram ao público, que lotou a casa A Seringueira, um espetáculo nunca visto na história do Rap no Brasil, com som e iluminação de primeira qualidade, conforto e segurança. E para celebrar este momento único o Detentos do Rap convidou ao palco os mais importantes nomes do Rap Nacional. Antes das atrações da noite, quem animou a festa foi Dj King e seu set de mais de 2h de Rap Nacional.

O show começou com cenas do videoclipe da música "Sequestro", sendo exibidas num mega telão de led, com 14 metros de comprimento por 3 metros de altura. Na sequência, interagindo com o videoclipe, os integrantes do Detentos do Rap entraram no palco e cantaram as músicas "Sequestro, "Campo Minado", "Testemunho" e "100 Glória".

Os primeiros convidados a pisarem no palco foram Dj Dri e Dexter, que chegou mandando a ideia de que pessoas traíras existem mesmo, mas que Deus é mais. O Oitavo Anjo mostrou todo seu talento ao cantar a música "Depois que os olhos fecham".

KI Jay chegou animado para tocar "Lampada de Aladim", que foi cantanda por DBS no melhor estilo do "Gordão Chefe. Negredo também foi chamado ao palco para cantar junto com o Detentos do Rap a música "Deus do Morro. No final, Maurício



culo para gravação do novo DVD

Dts agradeceu ao grupo e falou o quanto eles eram merecedores de estarem ali.

A música "Ruas de Terra" foi cantada por Maurício Dts e Daniel Sancy, com a ajuda do público que fez as rimas do refrão ecoarem dentro d'A Seringueira. Já a voz e o violão de Yzalú emocionou a todos ao cantar: "Me tiraram a paz, quebraram a trégua, transformaram nossa vila num campo de guerra". Lino Krizz e sua voz inigualável também abrilhantou a gravação do DVD participando da música "Pulso Forte". E quem achava que rap e rock não tinham muito a ver mudou de ideia depois de ver ao vivo Detonautas e Detentos do Rap cantarem a música "No Rosto de Deus".

O rapper Douglas, do Realidade Cruel, animou o público ao cantar "Casa Cheia", uma das músicas mais conhecidas do Detentos do Rap. Entre uma participação e outra Maurício Dts e Daniel Sancy dominavam o palco com todo o talento e experiência de quem esta há anos no Rap Nacional. A interação deles com o público é muito forte e em certos trechos das músicas a multidão cantou tão alto que formou um coral comandado pelos rappers. E quem achou que o telão no fundo do palco já era um excelente cenário para a gravação do DVD, se surpreendeu ainda mais ao ver um Low Rider entrando no palco e saltando. O Impala vermelho em cima do palco deixou a noite ainda mais louca.

"Eu, Deus e Meu Fuzil" é a música que levou Dum Dum ao palco para também



celebrar junto com o Detentos do Rap esse momento tão importante. E bastou o escritor do gueto, Ferréz, aparecer no palco para o público recepcioná-lo com muitas palmas. Emocionado, Ferréz declamou a sua parte na música "Guerra Sem Fim. E nada melhor do que um momento como este para uma homenagem. Mauricio DTS, Daniel Sancy e Dj Colina receberam neste dia o troféu "Honra ao RAP", prêmio criado pela Revista Rap Nacional com o objetivo de homenagear pessoas que ajudaram a construir a história do RAP NACIONAL, que ainda estão na ativa e sempre honraram o Rap.

Entre as participações mais esperadas da noite estavam dois verdadeiros monstros do Rap Nacional. Mano Brown e Eduardo são sem dúvida os dois nomes de maior expressão do Rap no Brasil. A aparição de Eduardo era aguardada com ansiedade pelos fãs que diversas vezes gritavam o nome do grupo Facção. Eduardo participou do DVD com a música "João Ninguém", feita em parceria com o Detentos do Rap. Já Mano Brown interpretou a música "Som do Inferno" e fez isso tão bem que mais parecia que a música era dele mesmo.

No encerramento, Maurício Dts e Daniel Sancy chamaram ao palco todos que participaram do evento e neste momento o público não se controlou e invadiu o palco. A noite da gravação do DVD do Detentos do Rap marcará para sempre a história do Rap Nacional por vários motivos e um deles é o fato de ter reunido, não só no mesmo evento, mas no mesmo palco, os mais importantes artistas do Rap.

Contatos para shows:
Cristina Dias: ID 11*1017916
(11)5512-7488
(11)7006-1721
contatodetentosdorap@gmail.com





Honra ao RAP: Título de virtude aos nossos guerreiros

A Revista RAP NACIONAL lança o "Prêmio Honra ao RAP"

Medalhas de Honra ao Mérito são oferecidas a pessoas ou organizações que atingem reconhecimento público por suas atividades. O reconhecimento surge, muitas vezes, de uma postura ética para com a sociedade, ou, ao menos, a um grupo relevante dela. E foi com o objetivo de homenagear as pessoas que ajudaram a construir a história do RAP NACIONAL, e que ainda estão na ativa, que a Revista RAP NACIONAL criou o Prêmio Honra ao RAP. "Há muitos anos tenho a inteção de criar um prêmio para homenager os guerreiros que fazem com o que RAP continue vivo", explica Mandrake, diretor do Portal e Revista RAP NACIONAL.

A escolha dos homenageados é feita pela equipe do Portal e Revista, que escolheram o Detentos do Rap para serem os primeiros a receberem a homenagem. "O Detentos do Rap é um grupo que está a milianos lutando em prol do RAP e que nunca ganhou Hútuz, Hip Hop Top e nem VMB. Mesmo sem esse reconhecimento, eles continuaram lutando e acabam de gravar o segundo DVD, que na minha opinião será um dos melhores que o RAP NACIONAL já teve. Outro fator que pesou na escolha do Detentos do Rap é que eles continuam fazendo RAP de protesto e não se deixaram levar por nenhum tipo de modismo, ou seja, eles honram o RAP", explica Mandrake. A entrega do prêmio ao Detentos do Rap aconteceu no dia 6 de setembro, durante a gravação do DVD do grupo.

A equipe do RAP NACIONAL sabe que muitos outros músicos do RAP são merecedores dessa homenagem e pretende entregar essa singela premiação a vários outros guerreiros periféricos. "Temos que reconhecer nossos heróis em vida", finaliza Mandrake.

SHOW HISTÓRICO DO GZA NO BRASIL

Por Deejay Vito | **Fotos** Zezinho Kinte

Em setembro o Brasil recebeu a ilustre visita de um dos melhores rappers de conteúdo lírico de todos os tempos. Membro de um grupo tão importante como foi o N.W.A. para a cidade de Los Angeles e o gangsta rap, foi também importante para toda uma nação de apreciadores da música nascida no guetos de New York para todo o mundo, esse grupo chama-se: WU TANG CLAN. Um divisor de águas para o Hip-Hop mundial.

Gary Grice, conhecido artisticamente como GZA "THE GENIUS". Nascido no Brooklyn, tem o simples cargo de ser o letrista mais complexo e um dos fundadores desse clã, que reúne monstros ou até mesmo verdadeiras lendas dos microfones, citando como exemplo: Method Man, Raekwon, Ghostface e entre outros lendários MCs, o já falecido ODB, ou mais conhecido como Ol' Dirty Bastard.

GZA tem dentre alguns álbun , diversas participações e projetos paralelos, um específico disco que modificou mais que literalmente toda a ótica do rap, apresentando ao mundo uma verdadeira obra-prima entitulada ''LIQUID SWORDS", em 1995. Depois desse álbum, sua vida não foi mais a mesma- …O hip-hop também não.

O disco foi reconhecido por inúmeros prêmios, desde um dos melhores álbuns de toda a década de 1990, prêmios como um dos 50 melhores MCs de todos os tempos e até mesmo um dos melhores discos da história, "tipo aqueles discos essenciais para ouvir antes de morrer"…e é.

O disco contêm sampler de diversos temas da década de 70 na era funk e soul music, tais como: Stevie Wonder, The Dramatics, Bar-Kays e muitas outras pérolas da raíz da Black-Music, com faixas intercaladas entre diálogos do filme "SHOGUN ASSASSIN", fazendo com que a lírica da obra, transforme a filosofia, o "bairrismo" rodeado pela criminalidade, o jogo de xadrez (sim, estratégias de xadrez) e as artes-marciais, em uma só linguagem, regada de metáforas brilhantes em uma viagem que acabou lapidando esse diamante em forma de disco.

Após um show no Rio de Janeiro, foi realizada uma apresentação em São Paulo, com um público em êxtase, por estar de frente com o ídolo que pela primeira vez no país, fez jus a sua vinda e transbordou clássicos de sua obra-prima em meio a outros hits do seu grupo WU TANG CLAN.

Mas o ápice da apresentação, foi mesmo quando homenageou seu companheiro de grupo, ODB (1968-2004), com o hit "SHIMMY SHIMMY YA" que simboliza como um hino, o movimento bate-cabeça no Brasil, transformando o espaço ocupado pelos fãs a frente do palco em uma verdadeira arena com uma onda de vai-e-vem humano.

Mas tudo isso, sem tirar o mérito de SHADOWBOXIN, I GOTCHA BACK, COLD WORLD e a insana e inesquecível 4th CHAMBER, que resume as características do gênio dos beats RZA















em poucos e bons minutos.

Agora resta esperar como foi prometido, o "LIQUID SWORDS PT. II", também todo produzido por RZA, assim como foi o primeiro, com exceção de apenas uma faixa produzida por 4th DISCIPLE. Experiência que, se depender da disposição que RZA teve para produzir o "ONLY BUILT 4 CUBAN LINX…", primeiro disco de RAEKWON, e tiver o mesmo êxito em qualidade que o próprio RAEKWON obteve ao realizar a continuação em "ONLY BUILT 4 CUBAN LINX PT. II" recentemente, apesar de ser uma verdadeira panela de produtores conceituados no hip-hop mundial, podemos esperar por mais um clássico em nossa coleção, ou para os modernos e mal-acostumados, mais um álbum em seus arquivos de MP3.



A apresentação teve a abertura de shows nacionais, com participações de FUNÇÃO RHK e o projeto WU BRASIL, que obviamente veio liderado por SANDRÃO, que cantou alguns dos maiores destaques de seu legado no grupo RZO, somado a outras faixas de futuros planos em carreira solo e afins.

“...Entre...”: O novo EP do Kamau

O Poeta abre sua vida e te conduz a adentrar nos espaços mais secretos de sua mente

Por Cristiane Oliveira | **Foto** Flávio Samelo

Entre, tome um chá, relaxe e sinta-se à vontade, “(Interna) Mente”, este é o convite que Kamau faz em seu novo trabalho. A incursão proposta é um passeio em sua mente. Na abertura do EP o MC deixa bem explicita a mensagem que pretende passar ao longo da obra. Um mergulho nos mais íntimos pensamentos de Kamau, conhecendo seus processos criativos, anseios, dores e amores.

Lançado no mês de junho, quase quatro anos após o lançamento do CD “Non Ducor Duco”, Kamau vem saciar a sede musical dos que acompanham seu trabalho. Para esta produção intitulada pelo MC como um EP, Kamau conta com as participações de Di Ferrero, Tulipa Ruiz, Rael da Rima e do poeta Emerson Alcalde, além de colagens do DJ Erick Jay e DJ RM. Renan Samam é um dos nomes destacados por Kamau nesta obra. “Pude contar com o Renan como parceiro em grande parte das músicas desse EP, ‘ 21|12’ foi a primeira que ele fez pro disco e a última foi “Lágrimas do Palhaço”, agradeço muito pela companhia e dedicação dele ao projeto desse EP”.

Entre as 11 faixas e três bônus, o MC não destaca uma música em especial. “Todas as faixas têm significado único e contam o que vem passando comigo atualmente, minha vida tá no Entre”, explica o MC que pontua apenas a música “Lágrimas do Palhaço” como a mais comentada por quem já ouviu o EP. A letra mostra a fraqueza daqueles que vieram ao mundo para fazer sorrir, como por exemplo, o músico que assim como o palhaço não pode fraquejar, não pode levar ao palco as tristezas. Para compor este trabalho, Kamau reciclou algumas músicas já conhecidas do público, como por exemplo os hits “Só”, “Resistência” e a versão adaptada da música “Pretin”, da Flora Matos, que na voz do Kamau recebeu o título de “Pretinha”. O som, que fez muito sucesso na internet, também faz parte do repertório do EP “...Entre...”

Você pode adquirir o CD “...Entre..” na Beatz Shop da Galeria 24 de Maio, Avenida. São João, 439, Centro, São Paulo/SP. Lojas 16 e 50 no subsolo.







GHETTO INK

TATTOO STUDIO

R: ENGENHEIRO MONLEVADE,672

CENTRO JUNDIAI /SP ~ FONE:(11) 3378~8664

SITE: WWW.GHETTOINK.COM.BR

KARATÊ E DJ PUDIM FORMAM O GRUPO

Por Paula Farias | Foto Zézinho Kinte

Junto com o Trilha Sonora do Gueto, eles marcaram os anos 2000, fizeram uma legião de fãs e viajaram por várias quebradas levando o RAP NACIONAL no peito. Agora, Karatê e DJ Pudim prometem abalar novamente o cenário com o grupo LokaZora$. A revista RAP NACIONAL foi na Vila Nova Jaguaré, maior favela de São Paulo em área contínua, para conferir de perto esse novo trabalho. "Em meados de 2007, DJ Pudim e eu resolvemos sair do Trilha Sonora do Gueto. Queríamos seguir por outro caminho, então resolvemos formar um novo grupo e continuar na caminhada do RAP. A inspiração para o nome veio de repente. Eu estava em Florianópolis e li uma mensagem na estrada: "Deus é fiel nessas loucas horas", ou seja, no trânsito e em todos os momentos. Foi aí que nasceu o grupo LokaZora$", relembra Karatê.

Com o nome escolhido e os propósitos estabelecidos o LokaZora$ vem trabalhando desde então na produção do primeiro disco, intitulado "Não vai destruir o que eu construi". O público pode se preparar para um trabalho de muita qualidade, já que todas as letras foram escritas por Karatê e a produção é de DJ Pudim, que produziu o T$G junto com Mano Brown e já trabalhou com Sabotage no primeiro disco do eterno maestro do Canão. Ele também assina a produção de CDs dos grupos Resistência Lado Leste, Sintonia Lado Sul e Peso Moral. "Já estamos cinco anos desenvolvendo esse projeto para agradar ao público do RAP e aos críticos da música em geral. Estou muito ansioso para o lançamento, foi muito bom fazer esse disco. Eu achei muito interessante várias ideias que o Pudim propôs para o disco. E dentro desse trabalho eu aprendi muitas coisas. Minha visão ampliou, estamos mais maduros em relação a música e ao mercado, graças ao LokaZora$", revela Karatê.

Amadurecidos e determinados, o disco do LokaZora$ trará várias surpresas. "Eu escuto muita música, gosto dos gringos e busco inspiração. Estou usando coisas do Tim Maia, trilhas sonoras e ideias de filmes e jogos de videogame, pois gosto de improvisar e criar. Faço tudo aqui em casa, no meu estúdio. Aqui é meu laboratório (risos)", comenta DJ Pudim. O disco promete surpreender com efeitos especiais, misturas, batidas pesadas e letras conscientes. Destaque ainda para a música "Menina Mulher", homenagem a todas as mulheres guerreiras. Participações especiais de Dexter, X Bacon, Anderson Franja, Dalila



LokaZora$



(Irmã de Karatê), entre outros manos que estão juntos na caminhada.

Mantendo o foco no cotidiano da periferia, Karatê, que há mais de dez anos é rapper, relata que esse disco dará voz à comunidade. "Só o nome LokaZora$ já corresponde sobre várias coisas, então nós vamos diversificar, misturar as culturas musicais, sem sair do foco que é o RAP. Vamos rimar sobre vários assuntos, desde assaltos até a praga do crack, para alertar a molecada. Relatar os sentimentos das comunidades, nossas vivências nas periferias e, dessa forma, trazer as coisas que muitos queriam falar, mas não tem oportunidade. O disco está vindo com muito sentimento, está com a nossa cara, é o nosso sonho virando realidade, graças a ajuda de vários amigos que acreditam na gente", desabafa. É dessa forma que o LokaZora$ está selando ainda mais a amizade e o respeito que há entre Karatê e DJ Pudim. Basta algumas horas ao lado da dupla para perceber a harmonia entre os dois. Muito bom humor e palhaçadas também fazem parte dessa amizade de tantos anos.

Mas quando o assunto é trabalho, eles não estão para brincadeiras. O disco será lançado pelo selo 1daSul e chega às ruas ainda este ano. As vendas serão feitas com exclusividade nas lojas 1daSul. Com muitas experiências, disposição, criatividade e coragem de continuar seguindo pelo caminho do RAP NACIONAL, o LokaZora$ está livre para trabalhar e bater de frente. "Queremos no decorrer da caminhada trazer mais uns manos para somarem conosco. Tirar uns manos do mundão e trazer pro RAP. O governo quer ver a gente se destruindo e longe da cidade. Mas nós queremos fazer a diferença e vamos trazer a comunidade conosco, porque na periferia têm pessoas do bem e muitas coisas boas. Nós vamos ajudar a mostrar tudo isso de alguma forma", afirma Karatê.

Com ideologia forte e muito respeito pelos fãs, o LokaZora$ chegou para fortalecer ainda mais o RAP NACIONAL e ser um elo da corrente. "Estamos criando a nossa identidade própria, queremos executar o nosso trabalho e ser reconhecido como LokaZora$. Esperamos que as pessoas consigam assimilar o nosso jeito brincalhão, nossa criatividade e nosso trabalho. Tamo aí", finalizam Karatê e DJ Pudim.

CONTATO

facebook.com/favels
facebook.com/lokazoras
Karatê 96*157877
Dj Pudim 96*187166
(11)9-6978-3420
Empresário 960*13902

DOGGUETO

TRADICIONAL HIP-HOP

Camisas - Moletons - Bonés - Cd's -
Vinyl - Canecas - Feltros Personalizados
































Rua do Rosário, Nº78 - Ed. Nossa Senhora de Fátima
Sala 64 - Centro - Vitória/ES - Cep.: 29.016-095
Tel.: (27) 3207-2098 / (27) 9995-2572

WWW.DOGGUETO.COM.BR
DOGGUETO@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM / DOGGUETO

MACROPHONO

ÁUDIO LAB

APRESENTA:



COLETIVO CAPIXABA RAP





LANÇAMENTOS 2012/2013

NEGRITUDE ATIVA
ALIADO JOTA
CONCEITO PERIFÉRICO
FORA DO PADRÃO
PRETA ROOTS
VIRTUDE

INFORMAÇÕES e CD's:

WWW.DOGGUETO.COM.BR

ATITUDE FEMININA

Há mais de 12 anos, quando começaram os primeiros encontros do Atitude Feminina, em São Sebastião, cidade satélite de Brasília/DF, o grupo que ali se formava jamais imaginava um dia gravar um CD, muito menos fazer um show em outro país.

Mas a determinação e atitude dessas mulheres, na época quando começaram a cantar RAP ainda adolecentes, foi muito longe. Afinal, o grupo nasceu quando uma de suas ex-integrantes, a Jane ex-Veneno, disse para seu irmão que queria cantar RAP, mas ele respondeu que mulher não sabia cantar RAP. Foi assim que Jane decidiu formar um grupo só de mulheres, o qual Hellen deu o nome "Atitude Feminina". E em seguida entraram Giza Black, Dj Lala e por último Aninha, que já fazia back vocals para grupos masculinos e cantava na igreja desde os cinco anos de idade.

Quem deu o primeiro impulso para que esse sonho se realizasse foi o então atual marido de Jane, o WTY, junto com seu amigo e parceiro da época Sorel, que nos dias atuais é integrante do grupo Guind'Art 121. Foram eles que ajudaram na correria do início do grupo. Inclusive, nas métricas, rimas e a filtrar as ideias das letras e ajudando a escrevê-las. O importante dessa caminhada é que o Atitude Feminina, desde o começo de sua carreira, tinha uma ideia muito forte de valorização à mulher, mas sem o radicalismo do feminismo. "Música para todos e não só para as mulheres", já diziam elas porque a preocupação era para que os homens também entendessem a mensagem de valorização da mulher.

A partir de 2003 começaram a subir nos palcos para fazerem shows e já tinham a música "De que vale o crime", estourada nas rádios comunitárias do DF. Foram dias de muita batalha e preconceito, como por exemplo os grupos de RAP formados só por homens que não entendiam o sucesso delas e diziam, enquanto elas cantavam, para irem pra casa e "cuidar dos filhos e pilotar fogão". Em outro momento



“Desistir Jamais”



até o som foi desligado, mas elas continuaram a cantar a capella. Nesses primeiros dias, até em parada de ônibus elas dormiam e voltavam para casa somente no dia seguinte. Mas a persistência, as letras fortes e contundentes falando a realidade das periferias do DF, fizeram elas estourarem mais duas músicas: “Paraíso” e “Dia de Finados”.

Em 2005 DJ Raffa foi convidado por Jane para ser o produtor oficial do Atitude Feminina. Raffa tinha um relacionamento com Aninha e as acompanhava nos shows, mas apenas como espectador. O convite foi feito durante um programa de videoclipes, onde grupos de RAP da cidade se apresentavam ao vivo. A partir daí a experiência de DJ Raffa, com quase três decadas de hip-hop, ajudou o grupo a mostrar cada vez mais o talento que já tinha e se tornar o que ele representa nos dias atuais. Primeiro conseguiu emplacar um projeto pela Associação Cultural Claudio Santoro, na Fundação Palmares, que aprovou o projeto e patrocinou toda produção e prensagem do CD “Rosas”. Convidou a cineasta Re.Fem e o diretor de fotografia Michel Messer para realizarem o primeiro videoclipe do grupo, que foi da música “Rosas”, um hino contra a violência a mulher, que já tem mais de 2 milhões e 750 mil acessos acessos no Youtube. Foi essa música que saiu junto com o CD Rosas em 2006, um verdadeiro divisor de águas na carreira do grupo. A partir daí vieram os três prêmios Hutuz, 2005, 2006 e 2009, o Prêmio Preto Ghóez, do Ministério da Cultura em 2010 e os Prêmios Hip-Hop Zumbi 2010 e 2011.

O grupo se profissionalizou, criou um site oficial e começou a fazer shows por todo o Brasil. Gravou o segundo videoclipe, da música “Enterro do Neguinho” através do cineasta brasiliense Leandro Gomes Moura e o vídeo já tem mais de 1milhão e 600 mil acessos no Youtube. O grupo se prepara para lançar um DVD que está sendo finalizado. Recentemente tiveram a honra de fazer o videoclipe de “Mulher Guerreira”, com direção de Vras77 e participação de Renan Inquérito. Nessa nova fase, tudo mudou. A qualidade







Victor Silvestre da Cruz Almeida da produtora By Production, junto com Atitude Feminina em Cabo Verde





Atitude Feminina junto com Angelo Magli da produtora By Production em Cabo Verde



do trabalho, das letras e a postura em palco. Mas o sucesso não subiu a cabeça e não mudou os pensamentos das duas integrantes da periferia do DF. Hellen e Aninha, remanscentes do grupo, assumiram para elas toda a responsabilidade de continuar em frente e "Desistir Jamais", título do próximo CD e DVD que contem a participação da saudosa Rainha do Rap DinaDi.

Foi então em 2012 que o grupo recebeu o convite da produtora "By Productions", de Mindelo da Ilha de São Vicente - Cabo Verde, para fazer um show fora do Brasil. Começava então a carreira internacional do Atitude Feminina. O show foi realizado no dia 4 de agosto e teve lotação esgotada. Foram colocados a venda 2 mil ingressos, capacidade máxima do local. Mas tinham mais de 2,5 mil pessoas no evento. O show foi um sucesso e as músicas que estão estouradas nas rádios de Cabo Verde foram cantadas pelo público maravilhoso na sua íntegra. A experiência de cantar em outro país vai ficar marcada para sempre no coração dessas guerreiras do RAP NACIONAL. Não perdendo a oportunidade de estar em outro país e cenário, convidou o grupo de RAP local "Element D" para participar do novo videoclipe do grupo, que será da música "Eu sei", na versão brasileira do DVD essa música têm a participação de Taty Beladona.

O Atitude Feminina deve retornar em breve a Cabo Verde para mais shows, porque fecharam um contrato com a produtora "By Production" que representará o Atitude Feminina nos países que falam a língua portuguesa. Mas para que tudo isso tenha acontecido, existe uma grande equipe de pessoas por de trás do grupo que fazem o Atitude Feminina acontecer e que elas gostariam de agradecer:

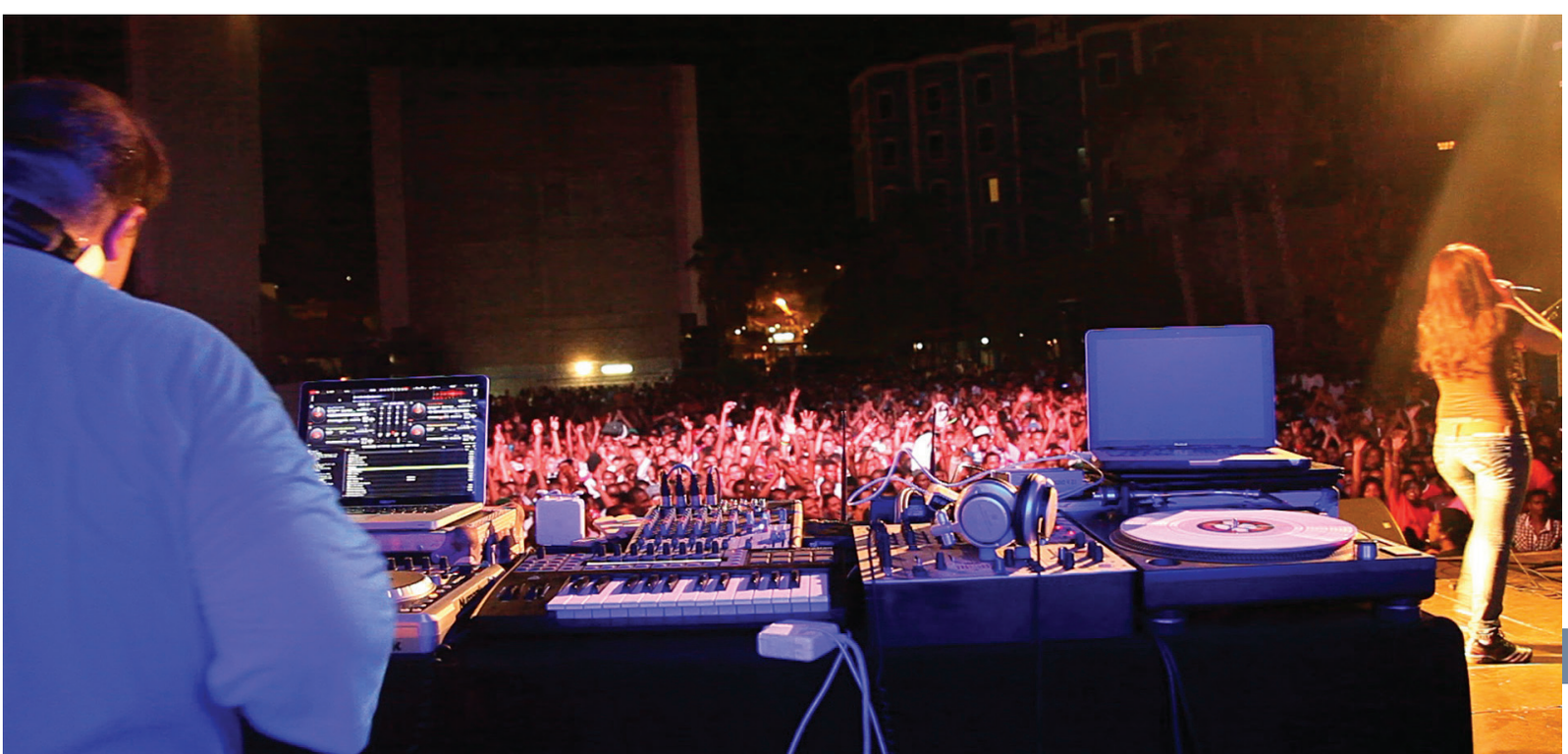
Gisele Santoro através da Associação Cultural Claudio Santoro (apoio logístico e Institucional), Dona Santa (apoio institucional através do Restaurante Emporio Popular), Flávia Portela (por sempre apoiar o grupo), Leo Maverick (adiministração do site), Amazoniabeats (confecção das camisetas), Gustavo Tomé (designer), Dj Scooby (pela logomarca), Pricila (assessoria de imprensa), Sol (E tudo nosso Itaquera na divulgação), Dj Buiu e Chuck (pelo apoio em SP), Zaraia (Botons e apoio através de várias articulações), Dj Marola Voz sem Medo (distribuição de CDs), Carlos Eduardo (segurança e apoio nos shows), Leandro Gomes Moura (cineasta, diretor e editor de clipes e registro de imagens do grupo), Valdir Borges da TV Corporativa (por acreditar no grupo e realizar o DVD), Dj Ninomix (por sempre apoiar quando precisamos de equipamentos), Re.Fem (direção dos clipes Rosas e Enterro do Neguinho e divulgação dos clipes



em palestras e debates), Lunna Rabetti (apoio através do Portal Mulheres no Hip Hop), Edd Wheeler (apoio na Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop), Tiely Queen (apoio atráves do Projeto Hip Hop Mulher), Japão Viela 17 (pelo apoio no Roda com Rap), Dj Celsão (por ser o primeiro a acreditar no grupo) Dj Markynhos Smurphies Disco Clube (por sempre tocar as músicas e apoiar o grupo), Dj Ocimar DaBomb (apoio), Dj Hercules (por tocar as músicas). Os músicos da banda Atitude, Ricardo Bap, Paulo Dantas, Jefferson Nunes e Edinho Silva. Angelo Fernandes e Vitor Almeida de Cabo Verde (By Production). E claro, Mandrake RAP NACIONAL (através de todo apoio que sempre têm dado ao grupo com noticias, entrevistas e lançamentos). E todos aqueles que não foram citados mais que de alguma forma contribuiram e contribuem para o fortalecimento do grupo.

Claudio Raffaello Santoro
(Dj Raffa)
www.atitudefeminina.com.br
www.amazoniabeats.com

Fotos: Claudio Bispo, Welber Lume, Jurssa Santos e Leandro Gomes Moura



DRUMP

COMPRE ONLINE

WWW.DRUMP.COM.BR

MULTI | MARCAS

APARELHO COM LEITOR **QR CODE**

CONFIRAM AS PROMOÇÕES EXCLUSIVAS NA LOJA VIRTUAL E DESFRUTE DO CONFORTO DE SEU LAR

REDES SOCIAIS:

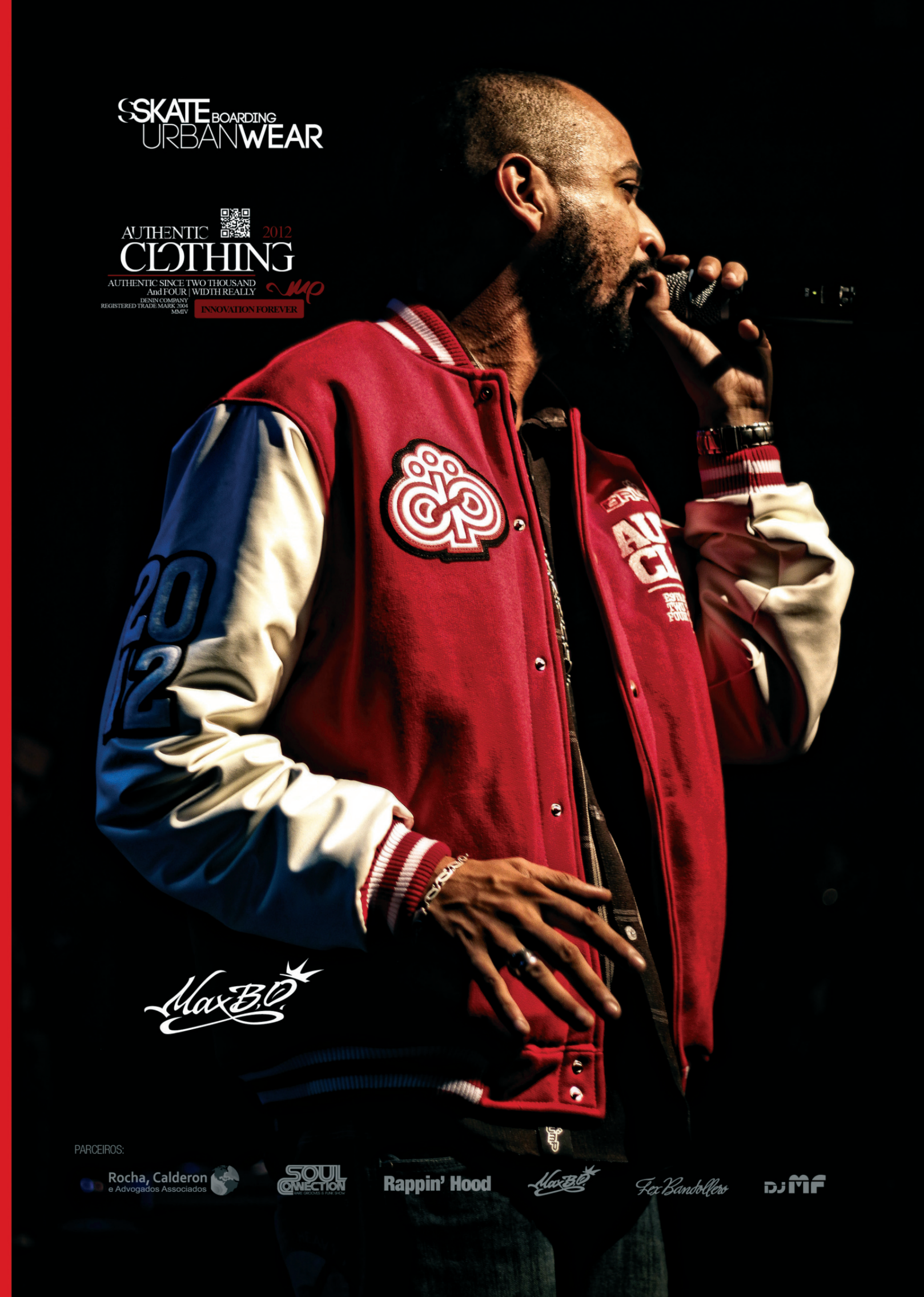
CONTATOS:

+55 (11) 3361-6750

drump@drump.com.br

ENDEREÇO LOJAS FISÍCAS

Avenida São João, 439 - Lojas 37 e 106 - Centro - São Paulo - Brazil


SKATE BOARDING
URBAN WEAR
AUTHENTIC 2012
CLOTHING
AUTHENTIC SINCE TWO THOUSAND
And FOUR | WIDTH REALLY
DENIN COMPANY
REGISTERED TRADE MARK 2004
MMIV
INNOVATION FOREVER
MaxB.O.
PARCEIROS:
Rocha, Calderon
e Advogados Associados
SOUL CONNECTION
Rappin' Hood
MaxB.O.
Fox Bandolleros
DJ MF



The Headcutters lança DVD com releituras de Blues dos anos 40 e 50

Por Elaine Mafra

Com o áudio captado em moldes analógicos e imagens em Full HD, o DVD foi rodado no sótão do Blues, onde a banda se reúne.

O blues teve suas origens na África e foi levado para os Estados Unidos pelos escravos. Por volta de 1870, eles cantavam melodias lentas e chorosas que, além de marcar o ritmo, mostravam a expressão e o contorno de um povo desprezado, discriminado e sofrido. Mas se você está se perguntando o que isso tem a ver com o RAP, vai perceber que a essência das canções é a mesma. Os escravos das plantações de algodão usavam o canto para embalar suas intermináveis e sofridas jornadas de trabalho. Com uma estrutura repetitiva e notas tocadas em frequência baixa, as letras são carregadas de protesto. Quando o Blues foi criado representava intrinsecamente a expressão da cultura musical de uma minoria, isto é, a população negra norte-americana. O blues influênciou o surgimento de muitos outros estilos, entre eles o R&B, a Soul Music e o Rock and Roll.

A banda The Headcutters tem doze anos de história e já é uma das mais renomadas de Blues no Brasil. "Sweet Home Blues" é o primeiro DVD e teve o áudio captado em moldes analógicos, para não perder a essência e a sonoridade da época. Já as imagens são em em Full HD, o que proporciona uma excelente qualidade visual. As músicas apresentadas pela The Headcutters no DVD são releituras fiéis de Blues dos anos 40 e 50, com timbres e instrumentos da época do Chicago Urban Blues.

Em 2009, a The Headcutters lançou o CD " Back To 50's", uma gravação toda feita em rolo de fita, com equipamentos valvulados da época. Para garantir uma melhor ambientação, o CD foi gravado dentro do Museu Histórico de Itajaí/SC.



O disco teve uma ótima aceitação pela crítica nacional e internacional e é uma verdadeira viagem no tempo, com o timbre e toda a magia dos anos 50.

The Headcutters vem conquistando o público por onde tem passado, com shows contagiantes, muito carisma e performances empolgantes. A banda é formada por Joe Marhofer na harmônica e vocal, Ricardo Maca na guitarra e vocal, Arthur "Catuto" Garcia no contra-baixo acústico e Leandro Cavera na bateria. Os meninos da The Headcutters já participaram de vários festivais de Blues e também já produziram shows e acompanharam várias feras do Blues Nacional e Internacional como: Kim Wilson, Billy Flynn, Phil Guy (irmão de Buddy Guy) Eddie C. Campbell, Gary Smith, Billy Branch, Carlos Jonhson, J.J. Jackson, Lynwood Slim, Mitch Kashmar, Donny Nichillo, Igor Prado, Blues Etílicos, entre outros.

Para saber mais sobre The Headcutters, assistir o trailer do DVD e conferir a agenda de shows, acesse: **www.theheadcutters.com**



No final dos anos 60 e início dos 70, em meio ao movimento Black Power, os empolgantes bailes black traziam não só a musicalidade da cultura negra como também suas vertentes de comportamento, conceitos e moda. Na pista, atitude e um repertório recheado de Funk, Soul e Rare Grooves.

Relembrando esses velhos e tão bons tempos, SOULCONNECTION traz esses clássicos em arranjos, que resgatam os balanços e as melodias da época.

Idealizada pelo contrabaixista Marcelo Rocha, a banda é composta por músicos que tem em seu DNA musical histórias e memórias destes tempos de "Negro é Lindo!"

Na pista, muito Curtis Mayfield, James Brown, Earth Wind and Fire, Zapp, Isley Brothers, One Way, entre outras tantas bandas. Uma legítima e nostálgica viagem aos tempos dos bailes do Palmeiras e da Chick Show!



Mano Brown: Mil Faces de um homem leal

Texto Toni C. | **Entrevista** Toni C. e Mandrake | **Fotos** Márcio Salata | **Making of** Vras77 | **Transcrição** DJ Branco
Diagramação Mandrake | **Tratamento de imagens** Arie Magalhães | **Colaboração** Elaine Mafra e Paula Farias

Um dia feliz é raro, também é raro entrevistar com exclusividade o líder do Racionais MC's, Mano Brown. A equipe da revista RAP NACIONAL obteve as duas coisas de só uma vez. "Aceitei por que vi a caminhada, acho que vocês estão na mesma direção, na mesma luta", foi a resposta de Mano Brown quando questionado porque aceitou conceder a entrevista.

Às vésperas do feriado da independência, o lugar escolhido para o encontro foi a sede do Periferia Ativa, uma das ações que Mano Brown respalda e é mantida pelo grupo Negredo, no Capão Redondo, zona sul de São Paulo. (Veja matéria completa sobre as entidades do Capão Redondo nas páginas 64 a 68).

Fomos recepcionados por Ylsão, do grupo Negredo. Ele nos apresentou a sede e outros espaços que a organização mantém na comunidade, com direito a oficinas, biblioteca e a mina dos olhos de todos, o estúdio. "Foi dessa MPC que saiu Jesus Chorou", comentou Ylsão ao apresentar orgulhoso o equipamento mágico.

Conversamos sobre grupos de RAP, atitude, autogestão e a aproximação com a Nike. "Eles queriam instalar lojas da Nike aqui dentro da favela. Dissemos que não", explicou o líder do Negredo, que também falou sobre a parceria que passaram a desenvolver com a marca esportiva para a confecção de camisetas exclusivas do time Capão Futebol Clube, com renda revertida para as ONGs Periferia Ativa e Apeas.

Quem vem lá?

A conversa cessou e tudo ao redor se transformou assim que Mano Brown, entrou na sala com andar decidido. "Desculpa o atraso", foi tudo o que disse antes de se dirigir a cada um com um breve comprimento.

Para aproveitar a luz do dia iniciamos pela sessão de fotos. A tarde fria e nublada não foi o suficiente para impedir brilhantes imagens. De volta ao estúdio, tomamos acento para dar ignição na entrevista com Brown. Ele comentou que não dormiu a noite, imaginem a nossa equipe? Nós em um só tempo realizamos a entrevista de capa da edição de um ano e o sonho antigo de fãs.

Minucioso e atento as tendência, Pedro Paulo Soares Pereira, mais conhecido como Mano Brown, se mostra em plena forma. A bombeta onde se lê: "Brooklyn", cobriram quase todo o tempo o corte moicano. Os óculos de grau dão um ar Cult, a este visionário que se apresenta como o mais novo da nova cena.

Odiado por uns, amado por uma legião. O que realmente parece improvável é ser indiferente ao maior rapper brasileiro de todos os tempos. "Mente do Vilão" é o nome da música em conjunto com a banda Black Rio, que agora ganha videoclipe. Mas é também a maneira de raciocinar de quem pensa por uma grande vila, um povo, um nação. Um Mano Brown 2.0 vê a sí mesmo como um lutador. Incansável, em se metamorfosear para continuar atual e ser o sujeito de uma revolução permanente.

Mano Brown em construção

Música, política, mártires, mito, tecnologia e tendências., foram temas que passaram por nossa conversa. O velho Mano Brown está de volta, atual como sempre. Se você pensa que já conhecia tudo sobre o maior ídolo da juventude pobre, preta e periférica, é bom ficar atento pelo o que está por vir.

Torcedor do Peixe, cachorro *loko* da sul, taurino nos zodíacos, é no rei das selvas o animal em que ele se reconhece. "Vai segurar um leão num quintalzinho como?" O líder do Racionais MC's fala de um novo Brasil, do qual ele ajudou a impulsionar. Mas Brown adverte aqueles que acham que o RAP fez as pazes com o sistema. "O embargo não acabou!". Outra coisa que permanece é seu sonho, o mesmo entoado há mais de uma década... "Ter um terreno no mato só seu".

Depois de conversarmos por mais de duas horas, Mano Brown assim como chegou se despediu e foi para o próximo compromisso. Mas cada momento desta entrevista continua cravado nas fotografias de Márcio Salata, nas imagens em vídeo registradas por Vras 77, no fundo da memória de Elaine Mafra, Paula Farias, Mandrake, Toni C. e nas páginas que segue.

Alguns dias depois o Racionais MC's realizou o show de encerramento do VMB 2012, onde cumpriu o prometido: "Boladão e Pesadão". Apresentados pelo craque Neymar, transmitido ao vivo pela televisão e com participação de Seu Jorge. O grupo faturou o troféu cão de ouro, na categoria Videoclipe do Ano, com Marighella e Mano Brown confirmou sua plena forma.

Sente a entrevista e boa leitura!


Brooklyn

1 Na letra de Capítulo 4, Versículo 3, você cantou: "Talvez eu seja um sábio, um anjo, um sádico". Como você se define hoje?
Mano Brown: Lutador!

2 Estivemos com KI Jay e ele pareceu bem otimista em relação ao lançamento do próximo disco do Racionais MC's. Você também está otimista?
Mano Brown: Eu também estou otimista. O Brasil vive um momento novo e nós temos que saber atuar em cima desse momento. Está sobrando um pouco mais de dinheiro, a informação está chegando mais rápido. Estamos podendo usar a tecnologia a nosso favor. Isso era muito restrito há dez anos. Em 2000, por exemplo, era uma outra realidade. Não estou dizendo que está um país de primeiro mundo, continua um país de terceiro mundo. Mas até mesmo esses grupos que estão aparecendo bastante na mídia agora estão mostrando esse outro caminho da evolução, ou não. Quem sabe não seja tão evoluído assim, somente uma continuidade. Tô otimista!

3 Você esta no seu melhor momento?
Mano Brown: Não sei dizer. Eu sempre tive muitos altos e baixos. Agora eu estou mais velho... Mas posso dizer sim que estou no meu melhor momento.

4 Quantos anos você tem agora?
Mano Brown: Quarenta e dois.

5 O que você gosta de ouvir?
Mano Brown: No momento eu estou ouvindo muito Leon Ware, que foi produtor, amigo, parceiro de composição, de arranjo, de Marvin Gaye, de Michael. Conversamos com ele um dia desses via Skype, ele mora em Los Angeles. Ele me chamou de Mano e tal. Estava eu e mais uns parceiros e nós falamos o que achamos dele. Pretendemos futuramente trazê-lo para o Brasil para interagir com ele, trazer essa experiência para cá. É um monstro sagrado, apesar de anônimo, e nós sabemos que o cara está vivo. É uma continuação daqueles caras da Motown. O contato foi feito através de uma produtora amiga nossa. Ela que conseguiu achar o cara na internet. Isso que eu falo do novo momento. Antes era praticamente impossível falar com um ídolo seu pelo Skype. Eu ouço música sempre, Marvin Gaye, Jorge Ben. Por mais que eu pareça ser um cara radical, eu não tenho tantas restrições a música. Eu ouço desde Rock Inglês, não que seja a minha preferência, até um Fundo de Quintal, música de Catedral de Igreja. Até o próprio Marvin, quando foi se tratar do vício, foi para a Bélgica e lá teve contato com essas músicas das catedrais. Ele era um cara de Igreja Batista, mas conheceu a música Católica. Ele foi para uma cidade da Bélgica que era muito antiga, com construções antigas, então ele respirou aquela brisa e conseguiu fazer Soul com influência de música de castelo medieval inglês. Isso funciona também na minha música. Eu não fico restrito a dois, três estilos musicais, ou de cantores. Os caras têm uma ideia relacionada à minha pessoa não tão verdadeira. Para que convivem comigo eu mostro muita música louca e digo para não dar risada. Teve uma época em que eu colocava Marvin, discoteca, e eles davam risada. Hoje você vê que no mundo da música está sempre passando por essas pessoas, é um ciclo, Isaac Reis, James Brown, estão sempre voltando. Estamos de novo no ciclo. Ouço RAP americano também, Rick Ross, Dani Brown, Snoop, Tupac sempre. É uma inspiração quase espiritual.

6 E o que você não ouve?
Mano Brown: O que eu não ouço é difícil. Música sertaneja eu não ouço. **[Nem de raiz?]** Minha raiz é urbana. Apesar de a minha família ser do interior da Bahia, a minha raiz é São Paulo, é grande centro. Música sertaneja para mim é para acordar 5h da manhã no frio. Não tenho boas lembranças. Também não quero que ninguém me odeie porque eu falei que não gosto de sertanejo. Tem que ser transparente.

7 Qual é a sua rotina de trabalho? Você é metódico?
Mano Brown: Eu sou metódico. Eu vou todo dia para um lugar para me reunir com os meus companheiros de composição e falarmos sobre música, possibilidades, o que queremos desenhar para o futuro e o que achamos que pode ser. Para brisar também, porque nós criamos muito mais do que criávamos antes. Antigamente, só tínhamos referência dos norte-americanos, hoje em dia nós criamos muita coisa indiferente deles. Um lance que eu acho legal é que o RAP que eu faço, porque eu tenho que falar por mim, é que eu dou uma cara de São Paulo, de periferia, de zona sul de São Paulo. Eu gosto quando as pessoas ouvem minha música e conseguem imaginar minha quebrada. Gosto que eles imaginem as ruas, os camaradas, as roupas. Eu procuro fazer um RAP com cara de original, por mais que seja uma influência estrangeira, americana, jamaicana, de raiz africana, eu tento dar uma cara de São Paulo para as músicas.

8 E o seu método de trabalho?
Mano Brown: Meu método é todo dia sair num horário, encontrar meus parceiros, debater. Nós também discordamos de muita coisa. É um lugar que eu vou e fico 8h por dia, é trabalho. Tem também momento de inspiração, mas eu tenho que insistir ali,


Brooklyn

eu tenho que focar na ideia. Não é uma coisa que eu sou iluminado por Deus e toda hora ele fala: Vai lá, Brown. Não é só inspiração.

9 O que vem primeiro? Letra, música ou batida?

Mano Brown: Primeiro a música, depois o tema, a batida e depois a letra.

10 Não entendi por que o tema primeiro?

Mano Brown: Primeiro vem o clima que eu quero, aí sim vem a inspiração. Uma música que me inspire a falar sobre determinado assunto. Uma característica minha é que a música sempre nasce com o título antes. Eu não faço a letra e depois coloco um nome qualquer. Eu já faço com nome. É a forma que eu trabalho, é o meu método.

11 Já aconteceu de você acordar com a ideia de uma música?

Mano Brown: Eu já sonhei com música pronta. Jorge da Capadócia foi uma. Eu sonhei o Jorge Ben cantando em cima do som do Isaac Reis. Eu acordei e fui para a casa do Marquinhos, o Borracha, e ele fez um loop em fita cassete e nós começamos a cantar. Era um som esquecido já do Jorge Ben, era dos anos 70 e até teve umas regravações, mas a periferia não estava cantando, porque pessoas que não são do nosso universo já tinham cantando, mas de um jeito diferente. E é uma música que, na minha opinião, é quase uma oração. Apesar de que eu não sou um servidor de São Jorge, nem de Ogun. Não é a minha. Eu não dou direção religiosa para ninguém. Não mais. Já até fiz, mas considero um erro. E nós fizemos o som e virou. Eu sonho coisas boas, eu vivo música, eu como e bebo música.

12 Dj Cia, Dexter, Lino Krizz? Afinal, qual é a formação do Racionais hoje?

Mano Brown: O Racionais é um milhão de pessoas, já não tem uma formação oficial. Não pertence mais aos quatro. Eu já falei para os caras do grupo, os caras que curtem Racionais dão tanto palpite que já é mais deles do que meu. Eu já falo: "Canta aí que eu vou fazer outras coisas". Eu admito que não é mais meu e não tem problema. Não era para ser meu mesmo, era para ser da massa, do nosso povo. E hoje eles opinam, dão direção, dizem que roupa e que letra é boa.

> "Eu não dou direção religiosa para ninguém. Não mais. Já até fiz, mas considero um erro"

13 Você se sente confortável com a sua posição no Racionais MC's?

Mano Brown: O excesso de questionamentos, que na minha forma de ver, são ultrapassados me incomoda. Assim como achar que Racionais está preso a dois temas de músicas e tem que ser isso ou aquilo. Para quem não sabe o Racionais sempre foi um grupo que prezou muito pela liberdade de escolha, de ritmo, de som, de roupa, de capa, de nome de disco. Eu sempre gostei de ir ao sentido contrário do que as pessoas queriam, para surpreender. Quando as pessoas falam, "vai ser isso", me desanima. "Tem que ser isso", não gosto. Se fosse para estar preso em alguma coisa eu não estava no RAP. Não gosto que façam do Racionais um instrumento para determinadas causas, eu acho que o Racionais é para todas as causas, todas as injustiças. Não pode ser direcionada.

O disco que todo mundo achava que era 'pá' era o disco da cruz, o "Sobrevivendo no Inferno". Já na época do disco eu achava aquilo defasado para a época e um ano depois que o disco tinha saído eu já havia enjoado. Tava todo mundo fazendo igual. Então decidi fazer uma capa azul clarinha, carro verde. Quero ver quem tira o peso das minhas músicas por causa de uma capa. E foi o disco que trouxe mais repercussão em todos os aspectos e toca até hoje. Toca tanto que me atrapalha e não me enjôo. Ele deu abertura para outras ideias, outros grupos, outras propostas de som. Aquele disco da cruz era muito fechado. E de certa forma ele limitou um pouco, ele não era um disco livre. Era livre pra mim quando eu compus. Depois que saiu virou uma prisão, uma obrigação, virou regra. E eu não gosto de regras. A gente tem que quebrar regras, dentro e fora, senão vira uma água parada.

14 Seu próximo disco vai ser como?

Mano Brown: Quem sabe seja uma capa preta de novo, ou quem sabe nem seja mais disco, porque disco já virou uma prisão, a internet hoje é liberdade. Eu gosto muito desse formato que eu faço hoje, de terminar a música hoje e cantar amanhã, inédita, presentear quem tá na festa que as vezes não tem ninguém, só 30 manos. Eu vou lá e só canto música nova, é um presente. O nosso movimento virou um movimento jovem conservador, isso tem que mudar. Não pode ser. Eu lembro que o especial do Tupac mostra ele invadindo uma reunião dos antigos, aqueles caras dos direitos civis dos anos

60, todo mundo estabelecido na vida, conservador e ele falou: "Vocês tem que parar com isso, vocês não estão vendo a rua, vocês estão atrás do balcão assinando documento, poucas mulheres não tem o marido do lado, poucas crianças tem pai e mãe dentro de casa, vocês ficam escrevendo leis, ditando regras e não estão vendo as pequenas coisas, as dificuldades da pessoas". Esse é meu lance, ver as pequenas e as grandes coisas. Eu vejo os beco, as ruas, a favela, o condomínio. Eu vejo tudo! A vida como ela é, o coletivo e o individual.

15 O que a gente pode esperar do novo disco?

Mano Brown: Surpresa. Vai ser surpreendente. O último, por exemplo, demorou três anos para ser entendido. Quando o disco saiu, a comunidade do hip-hop massacrou o nosso disco, falaram que era pop, que a gente tinha se vendido, isso e aquilo, mas a favela abraçou. Isso pra mim que é importante. Fizeram uma enquete na Galeria 24 de Maio sobre o que eles achavam do disco, companheiros de trabalho, do RAP, vieram a público criticar abertamente o disco, coisa que eu nunca fiz, dar a cabeça de um companheiro do RAP na bandeja pro sistema. Deram a minha cabeça pro sistema. Falaram que eu me vendi, que tava pop, que eu ia perder ibope. Que perder ibope? Quem quer ibope? Eu quero é tumultuar. Então, o que podem esperar pro próximo disco? Coração na ponta da chuteira, sempre, é o que vai ter no próximo disco.

16 Teve muito comentário quando você soltou a música "Mulher Elétrica". Essa música foi justamente para tumultuar e mostrar a nova visão do Brown?

Mano Brown: Não, não é a nova visão do Brown e não foi feita pra isso. Foi uma música feita livre, em um dia que tinha um grupo de companheiros trabalhando, a gente tava ouvindo música, pensando coisas a respeito e a música saiu natural. E era uma música referência a um som que a minha geração ouviu muito, que era uma música chamada Eletro Meire, da época do break, que a geração nova não conheceu e quando conheceu massacrou a música. Aí que eu discordo. Desde quando o cara que não conhece tem o direito de criticar, sem conhecer, sem saber? Sem ao menos perguntar primeiro. Não fiz para tumultuar. Essa música foi boicotada, disseram que a gente se vendeu, que o Racionais acabou. Adoro essa música, adoro "Marighella" também. Eu sou fã de Tupac. Quem conhece Tupac, vai saber que ele não seguia regra nenhuma, Bob Marley também não seguia, o James Brown também não seguia.



17 "Cores e Valores" como que surgiu essa música?
Mano Brown: É um tema que eu já tinha. Eu já tinha esse nome na mente, que fala justamente das diferenças, cada um defende suas cores e cada cor tem seu valor. Isso engloba time de futebol, escola de samba, time de várzea, partido político, religião, etnia, é um trocadilho com várias coisas da vida. Fala do racismo, da política, fala de coisas fúteis também. Carro, aparência, porque você também vive em um mundo que tem coisas fúteis, coisa boba, champanhe. O que é que fica? Os valores, as coisas que tem por trás disso, o comportamento.

18 Logo depois de "Mulher Elétrica" você lançou "Cores e Valores". Em sua opinião, você acha que isso calou a boca de muita gente que havia criticado?
Mano Brown: Não, eu nem pensei nisso, porque eu encontro muita resistência com qualquer coisa que eu faça. Eu venho dos anos 80, no começo dessa onda toda. Eu vi nascer, eu vi muita gente nova vir e ficar velha, e eu tô aí. Coisa que era o auge da novidade já defasou, e eu to aí. Eu sempre fui um cara muito contestado, eu lembro que quando a gente lançou, "Escolha seu Caminho", Negro Limitado, Voz Ativa, na sequência eu fiz o disco "Raio X do Brasil", eu fui muito criticado por pessoas que eram estratégicas no movimento da época. Falaram que "Homem na Estrada" era isso, "Fim de Semana no Parque" era bairrista, a outra era racista, era isso e aquilo. Eu sempre lidei com contestação, eu nunca fiz o que era pra ser e no momento que era pra ser, eu fiz pra frente. O que está tendo agora é pouco, o que tem pra fazer tá pra frente, o que tá tendo agora é necessário. Plantar para mais pra frente colher. Eu sempre lidei com bastante contestação, nem sempre me dei bem. Tem certas atitudes que me irritam, me tiram do sério. **[E isso te influência, te impacta, como que você reage as críticas?]** Eu sou ser humano, eu tenho raiva, tenho neurose. Falar também que eu não ligo eu acho ruim. O que a gente aparenta ser é importante. E o que a gente é, é muito mais importante. Eu cheguei a ver um grupo de RAP que aparentava ser foda, três anos depois já não eram tão foda. O que aparenta ser também conta, não é só o que é. Infelizmente, a gente vive em um mundo de aparências também. **[Era um grupo do RAP NACIONAL?]**
Mano Brown: : Não, eu tô falando do Run-DMC Quando eu vi os caras, o que é que eu vi primeiro? Não vi música, não vi nada. Vi roupas, as correntes, os negão, os pretos. Falei: "Porra mano!". O que era preto no Brasil naquela época? Não era porra nenhuma, era estatistíca. Era Gil Gomes de manhã e Notícias Populares. Aí você vê um preto americano, vencedor, forte, que nem o Caetano Veloso falou: "O preto forte norte-americano". Era aquilo que a gente via. A gente viu um preto forte, a gente queria ser forte também, a gente não tava contente com a situação que vivia aqui. Aquela coisa da aparência de todos que estavam dentro do RAP. Depois eu fui entender o que eles falavam. Por isso que eu falo, aquilo que aparenta ser, é importante. Os moleques olham pra gente e querem ver também alguma coisa.



19 Você teve recentemente em Nova York, como foi?

Mano Brown: Eu fui a passeio com minha esposa, foi um presente que eu dei pra ela, e acabei encontrando amigos lá. Encontrei o LF, o Sacramento, encontrei uns amigos do RAP americano, fui para o Queens, fui no Bronks, na parte negra da cidade, fui ver de perto como é que era, fui nas baladas. E o bom é que o Brasil não está tão longe do que era, tá muito próximo agora. Houve um momento que o Brasil era chamado de Bolívia, e quando o nosso povo chegava nos EUA eram chamados de bolivianos. Hoje em dia, o Brasil é chamado de Brasil mesmo, os caras sabem que você é brasileiro, te recebem melhor por ser brasileiro. Os brasileiros são os que mais gastam no EUA junto com os japoneses. Dessa vez eu vi uma condição de interagir mais com as culturas, pra gente que faz RAP é importante ter uma proximidade com os rappers americanos também.

20 Nós acompanhamos pela internet, sua participação em um programa de rádio de lá, você cantou uma música e fez até um refrão. Você está fazendo refrão também?

Mano Brown: Veja bem, eu vou todo dia pro estúdio, chego lá sozinho e aí pintou uns 10 segundos de inspiração. O Helião e o Blue chegaram e me deram uma ideia, então criamos o refrão. A música saiu em um dia. Eu coloquei a voz guia porque eu não tinha o cantor no dia. Geralmente eu faço a música, eu faço a voz guia pro cantor depois vir e aperfeiçoar. Nesse dia eu não tinha cantor nenhum, eu coloquei a guia e eles gostaram da guia e ficou. Então passei a arriscar, cantarolar alguns refrões. Não é a minha, eu sou rapper, pra esse tipo de som cantado eu tenho um outro projeto chamado Boogie Naipe, que é um lance mais disco funk, mas melódico, soul, soul moderno, R&B, aonde eu arrisco um pouquinho. Não muito porque eu sou desafinado, mas eu deixo de bandeja pros cantores, Lino Crizz, os manos do lance da voz. O forte dos caras é a voz, o meu é mais composição e ideia, né mano! Eu consigo ver o som pronto antes dele nascer, então eu faço o som e coloco na mão de quem é especialista, Lino Crizz é especialista, cantor, eu não sou muito especialista, sou um rapper. No dia eu tava sozinho e tive que cantar, mas não é meu forte não **[Qual que é o nome daquela música?]**

Mano Brown: "De Frente pro Mar", do projeto Boogie Naipe.

21 Então fala pra gente um pouco sobre o Boogie Naipe, só para o pessoal entender, Boogie Naipe, Bang Jhonson, Mano Brown, Racionais.

Mano Brown: O Mano Brown não tem um projeto solo, Mano Brown é funcionário dos Racionais. Tudo que eu penso é Racionais. No momento, o Edi Rock tá com o disco dele solo pra sair, tá pronto. E nesse intervalo eu trabalhei com a Banda Black Rio, que era um lance que eu tinha vontade mesmo, de interagir com esse universo do funk, da banda, criar um arranjo. E desse aprendizado eu quis criar um lance paralelo, sem ferir o Racionais. Criamos antes o Big Ben Bang Johnson. A ideia era criar um nome que soasse funk, tinha que soar funk e criei um nome diferenciado. Esse lance era para ter músicos convidados, sempre

mutante, núcleos mesmo, e durante um tempo foi bom, e essa filosofia do Bang Johnson eu trago até hoje. Eu estou sempre com gente nova e nem sempre são os mesmos. Quando você chega no show do Big Ben Bang Jhonson outras pessoas estão lá, outros cantores, anônimos e famosos, um lance que eu queria fazer para mesclar, interagir e ter essa liberdade. De cara eu queria que o Bang Jhonson fosse um projeto aonde esses caras viessem com músicas novas, não grandes sucessos. Quando eu convidei o Consciência Humana, Conexão do Morro, RZO, não era para trazer os grandes sucessos dos grupos, nem do Racionais, era para trazer músicas novas, mas a gente encontrou dificuldade devido ao conservadorismo do público que queria ouvir os grandes sucessos. Inclusive as pessoas que levavam a gente. Eles dificultavam o trabalho anunciando Racionais, quando na verdade não era o Racionais. Eram dois caras de cada grupo, era um grupo neutro, onde eles poderiam expressar o que eles quisessem, de uma maneira que não ferisse o Racionais, porque o Racionais é sagrado, não mais meu né?! E o Boogie Naipe já é um lance disco funk, soul, com as influências que a gente tem do RAP. É um lance mais raiz, mais inspirado no Cassiano, no Jorge Ben, no Marvin, tudo coisa que foi feita nos últimos quatro anos. Eu trabalhei muito, o Racionais não saiu, mas eu trabalhei em quatro discos de outros grupos, criei dois grupos, fiz mais de quarenta músicas, coisas que no Racionais eu não tinha a liberdade.

22 Qual é a melhor e pior coisa que você criou em sua carreira ao longo dessa caminhada?

Mano Brown: A pior coisa que eu criei foi esse estigma, que eu nem sei se eu criei, mas sou responsável, que até o RAP carrega certo estigma, acho que foi a pior coisa que eu criei, **[Ser Radical?]**Ignorante às vezes. Ter uma certa ignorância e uma cegueira também, eu não tolero algumas coisas. Eu sou da outra geração, então quando a gente criou o símbolo do Racionais, no final dos anos 80, era um outro mundo. A dívida externa não tinha sido paga. Não tinha eleito o Lula ainda, não tinha metrô no Capão, um monte de coisa não tinha acontecido, não tinha eleito um presidente negro nos EUA, o Barack Obama. O Brasil não tinha uma

> “A pior coisa que eu criei foi esse estigma, que eu nem sei se eu criei, mas sou responsável, que até o RAP carrega certo estigma, acho que foi a pior coisa que eu criei”

presidente mulher, não tinha nem asfalto em nossa quebrada. Quando criamos o Racionais, era um outro mundo, então não tem como você esticar o chiclete 25 anos falando das mesmas coisas como se elas não tivessem mudado. Seria mentira, ia tá maquiando uma realidade, que a nova geração está aí pra mostrar. Olha como a música da periferia diversificou, o RAP diversificou, nasceu o funk paulista, tem o estilo do Rio de Janeiro, tem o estilo do funk de São Paulo, que é um outro estilo, inclusive hoje faz sucesso no Rio de Janeiro. Antes do RAP o Rio de Janeiro não conhecia São Paulo, não sabia que tinha favela em São Paulo. Isso eu ouço da boca deles lá, os caras achavam que em São Paulo todo mundo comia pizza e era japonês. Então, de 88 pra cá são 24 anos, o mundo mudou muito, a música tem que acompanhar a mente do jovem, tem que ir até a massa, até a mente da massa.

23 E o melhor, está por vir?

Mano Brown: O melhor foi algumas músicas que eu fiz e o que tá por vir. Tem algumas músicas que foram cantadas em enterro, foram cantadas em casamento, em batizado. Isso pra mim é uma honra. Racionais é esse grupo aí que as pessoas cantam no casamento, no nascimento e no enterro. Como que você classifica isso? Não sei.

24 O que você acha dessa nova cena do RAP?

Mano Brown: Eu tô na nova cena, acho da hora, acho ótimo, ainda mais que eu faço parte dela. Eu sou novo, novo, novo, não tem ninguém mais novo do que eu, to aí pra tumultuar tudo de novo.

25 Então, qual sua opinião sobre a cena atual do RAP?

Mano Brown: Acho uma cena sincera, diversificada. É necessário diversificar, é necessário que tenham vertentes, é necessário que os mais antigos entendam os mais jovens, acolham eles e interajam. Não fechar as portas como alguns antigos fizeram com a gente, porque choque de geração é uma coisa ultrapassada, tem que acabar com isso. A gente tem que entender os jovens, porque senão eles vão atropelar a gente. Ou entende ou será atropelado, porque o novo é o novo, tem o Velho Testamento, tem o Novo Testamento. Quem tentou embarrerar Jimi Hendrix se arrombou, quem tentou embarrerar


Brooklyn



Janis Joplin se arrombou, tentaram embarrerar James Brown em São Paulo, se arrombaram. Como é que embarrera o James Brown? Como é que você vai embarrerar o funk? Como é que embarrera o mar? Não tem como, é o novo, cabe aos mais experientes entender e interagir.

26 Você tava falando do estigma, de ser durão e tal. Você já tentou ser o Mano Brown light?

Mano Brown: Eu sou um cara normal, por incrível que pareça. Aqui com os caras eu sou o palhaço, sou o cara que tá fazendo rir e tô rindo o tempo todo, mas quando é para falar sério eu sei falar sério. Houve momentos em que as pessoas quando me viam dar risada falavam: "Ô o cara tá rindo e tal", como se eu fosse um bicho do zoológico. Eu sei que a gente vive querendo criar mito, criar celebridade, criar lenda, tá em época de desconstruir essas coisas. Eu preciso de companheiros, não de líderes. Preciso de parceiros, não de professores, tem que tá ombro a ombro, não acima da cabeça. **[Precisamos de um líder negro de crédito popular]** Isso aí em 90 **[Não precisamos mais?]** A informação faz você ser líder de si mesmo, a informação faz você ser líder, o líder de sua casa. Quem naquela época tinha 15 anos de idade hoje é um líder de uma casa com quatro, cinco filhos. Você é o seu líder. Nós, brasileiros, crescemos sem líderes, sem grandes líderes. Quem são os caras que levam o título? **[Mano Brown]** Eu não acho. **[Não acha ou não quer?]** Não acho. O Mano Brown é um louco. Você não deve seguir um louco. **[Mais os loucos estão aqui para confundir os sábios, né?]** Eu desconfio de cara que quer ser líder. E você também tem que desconfiar. Eu desconfio de qualquer estrelismo. Por trás do estrelismo, tá escondendo alguma coisa.

27 O que é que os fãs, a juventude, o povo preto e pobre pode esperar do Mano Brown e do Racionais?

Mano Brown: Sinceridade e máximo respeito. Eu sou fã deles. A coisa que eu acho mais linda é quando subo no palco para cantar e vejo aquela massa colorida, negro e branco, a cara do Brasil. Eu sou fã deles, do jeito que eles se vestem. O que me revolta é quando vejo um preto pra baixo, isso me revolta.



28 Racionais e o Edi Rock vieram logo com dois videoclipes no VMB desse ano. Nesse tempo todo vocês acham que poderiam ter feito mais videoclipes ou foi o momento agora?

Mano Brown: Poderia, mas há cinco anos era uma realidade bem diferente. O preço para fazer um videoclipe era muito mais alto, o acesso aos equipamentos, a mão de obra era muito cara e restrita. Eu quero lançar mais videoclipes esse ano ainda, quero fazer mais um. Então não foi uma coisa pensada, foram as condições mesmo. Nestes últimos quatro anos a gente fez músicas, não pensei tanto na imagem, pensei mais na música. Agora acho que não tem mais como som e imagem andarem separados. Hoje em dia, acho que som e imagem tem que estarem juntos. Eu queria fazer o videoclipe de cada música, mas não temos tanto tempo, porque temos outras coisas para fazer, nem temos tanto dinheiro, mas a minha vontade seria essa.

29 O clipe "Mente do Vilão" foi gravado quando?

Mano Brown: Ele foi gravado há um ano e meio. **[E porque que não foi lançado antes?]** Esse clipe, a princípio, era para ser lançado pelo disco da Banda Black Rio, que não pertence mais ao selo Cosa Nostra. Rompemos! Então, o clipe voltou pra mim, como a música é minha, tendo o Don Pixote e o Du Bronks como meus convidados. O clipe já tava pronto e devido ao embrólio para decidir a parte burocrática, que infelizmente existe, então demorou esse tempo para sair, mas saiu em um momento muito bom, na sequência do Marighella. Não entrou no VMB porque eles não aceitaram, mandei os dois pro VMB e os caras falaram que um ia atrapalhar o outro, eu falei que não ligava se iria ganhar ou não, eu quero é mostrar meu trabalho, trabalhar e fazer mais videoclipes.

30 No videoclipe você aparece amarrado e é executado, qual é a ideia?

Mano Brown: A ideia era delatar o que

tá acontecendo, passar a micha do que tá sendo feito. Algumas ideias que nós temos teriam que ser mesmo restritas, coisas políticas, debatidas, fechadas. Coisas do nosso movimento como coletivo. Como um companheiro meu vai a público e fala que o Mano Brown é isso e aquilo? Ele tá caguetando, como se os caras quisessem tirar de mim uma informação que eu não vou passar. Ali é uma alusão a várias situações. O que é que vocês vão fazer? Aonde os caras tão? Tão fazendo o que? O que é que vocês estão pensando? Qual a proposta do plano? Eu não vou falar, essa é a ideia.

31 Já sabe qual será o próximo videoclipe?
Mano Brown: Tem duas músicas que eu quero fazer. Acho que virá no contexto da continuação do que nós estamos fazendo, apesar de que Mente do Vilão" e "Marighella" são assuntos distintos, mas que em determinados momentos são paralelos. Mesmo que devido a época de vida de Marighella e a época em que a gente vive hoje, tem um espaço de 43 anos, o paralelo é distante. **[De qual música você quer fazer?]** "Coisa Distante", que fala de assuntos humanos do gueto. São ações humanas, a dificuldade do homem, as nossas relações pela própria vida que a gente tem, a forma que a gente é visto pelo sistema, a forma que a gente vê o sistema, a forma que a mulher da gente vê a gente, a forma que a gente vê a nossa mulher, a forma que vivemos o nosso relacionamento. Pela posição que ocupamos estamos na rua o tempo todo e às vezes se doa muito mais pra rua do que para a família, que inclusive tem muito a ver com o rapper, não com o Brown, mas com o rappers em geral. O cara que vive muito mais a rua, vive os amigos, vive a causa, vive a revolução e às vezes a família fica ali e a mulher não entende isso, que a revolução muitas vezes para a mulher é você tá ali com a família. É a revolução dela, pra nós não, é ganhar o mundo. A gente tem esse lance de querer ganhar o mundo, provar para a mulher que você vai, vai buscar e vai trazer, a gente tem sempre uma mulher que você quer provar pra ela, ou uma mãe, a gente tá sempre querendo provar alguma coisa para alguma mulher. Essa música fala disso. Tem um arrependimento, um erro que você já cometeu, às vezes não tem como você voltar atrás e corrigir. Eu penso nos outros caras, penso na gente o tempo todo, no debate de qualquer ideia. É o gueto, do gueto pro mundo.

32 Você já tem ideia de como será o clipe,?
Mano Brown: Hoje em dia eu estou deixando mais a critério dos especialistas desenvolverem o enredo. Eu faço o rap, ajudo a fazer a batida, o arranjo e deixo o critério do clipe com o especialista do clipe, com o cara que é profissional nisso. Eu já fiz tudo sozinho também, hoje em dia eu prefiro interagir com outros talentos, outras mentalidades que vão somar com o meu trabalho.

33 O que o Capão Redondo significa na sua vida? Aqui a gente respira rap, né cara?
Mano Brown: : E foi o lugar mais difícil para o RAP entrar. O Racionais nasceu aqui, o Blue e o Brown são daqui. O Edi Rock e o KI Jay são da norte. Na época em que o Racionais nasceu, aqui na zona sul tava tendo problema com grupo de extermínio. A cultura negra estava sendo bombardeada. Os negros daqui eram marginalizados, muito mais que no outro lado, até pelo fato das escolas de samba serem todas lá. Pelo formato que São Paulo foi desenvolvido a comunidade negra foi pra lá. Aqui o preconceito foi muito forte e quando o Racionais começou tivemos que buscar força lá. Então, não posso desprezar Tucuruvi, zona leste e Taipas, que me acolheram bem demais. O Capão foi o último lugar que nos acolheu. Vê que barato, santo de casa não faz milagre, né! Nem tudo são flores, nós lutamos muito para essa cultura ser reconhecida aqui dentro da nossa casa e sabemos que a fronteira é bem frágil. É lógico que muita coisa tá aqui na zona sul mesmo, no Capão, porque a gente é insistente.

34 Muito cara do RAP acha que acabou a parte social do RAP, acabou o protesto. R.A.P. não é a Revolução Através das Palavras? Você que apóia alguns projetos sociais, sabemos que nem gosta muito de falar sobre isso, conta um pouco sobre os projetos aqui no Capão Redondo.
Mano Brown: A maior revolução que foi feita aqui, e não foi feita por uma ou duas pessoas só, porque a revolução ou ela é do povo ou ela não é de ninguém, e o que eu sempre quis é que as pessoas assumissem as responsabilidades delas. As pessoas ficam falando "o Brown é líder, é isso, é aquilo", o Brown não pode é ficar sozinho, ilhado, tentando uma causa *loka*. O que me deixa mais feliz é ver os caras que tão comigo, a família toda. Fundão é uma família, o Rosana Bronx é uma família, Morro do Piolho... São famílias que criaram esse trabalho social que não é de um cantor de RAP ou de um político, é de um coletivo. Os caras abraçaram a ideia porque eles entenderam a ideia e essa é a maior glória. É lógico que por eu ser o mais velho no RAP do Capão, eu puxei esse bonde, mais eu não fui sozinho, porque sozinho ninguém consegue nada. Se a comunidade não vem com você, sem chance. O maior desafio era convencer as pessoas que essa causa não era de uma pessoa só, nem de um movimento só. Eeu não







acho que o RAP tem que ser o único movimento social político, o samba tem que ser, o funk tem que ser, o forró tem que ser, porque o povo é o povo, a causa é de todos os brasileiros. Aí é que eu entro no assunto do estigma, porque que o RAP tem que falar de assunto a, b e c e os outros falam de tudo? Que tira proveito de tudo e praticamente usufrui de tudo, e o RAP não usufrui quase nada. Usufrui da fama e do estigma. Não acho certo isso. Agora, abandonar a ideia é uma coisa que eu também não apoio não. O RAP é a música da liberdade, você não pode empurrar na boca da juventude o que é que eles tem que falar, senão eles vão pular o muro da escola e vão embora. É liberdade para falar da política, da revolução e não virar uma coisa imposta, senão o moleque rebelde pula o muro e vai embora, ele não vai ficar preso em uma cerca ideológica, ele vai procurar outra ideologia, outras ideias, que na verdade são infinitas. A revolução é infinita.

Recentemente você se manifestou a favor do Sarau do Binho quando fecharam lá e mandou recado para o Kasab na ocupação Mauá. A gente está em um ano eleitoral. Qual sua opinião sobre os rappers que saem candidatos e essa relação rappers e políticos?

Mano Brown: Eu vejo com bons olhos. Primeiro, que realmente tem mentes pensantes hoje no Brasil que podem fazer a diferença na política, não só como cantor, mas como cidadão, como formador de opinião. Nosso movimento vem se inclinando muito pela ideia, pela pesquisa, pela antropologia, pela negação da escola e essas ideias vem à tona com o RAP. Então essas pessoas tem ideias diferenciadas a serem passadas, uma visão diferenciada, a exemplo do Barack Obama. Qual que era a grande importância do Obama? Ele ser preto? Também, mas o diferencial dele é ele ter morado no Quênia, é ele ter um passado de terceiro mundo, que vai fazer ele como presidente do EUA enxergar o mundo diferente, não como aquele cara branco de família tradicional, que estudou na faculdade, que chegou no meio tradicional e que virou presidente como vários fizeram. Obama não. Ele tem um passado na África e no Vietnã. É de origem árabe, tem pai queniano e a mãe negra. A história de vida do pai servirá para o mundo, não só para os negros. Ele não vai ver o preto, o índio ou oriental como inferiores, vai humanizar. Esse diferencial de ideias dos

caras do RAP que estão se candidatado vai ser muito importante para o Brasil e a tendência é aumentar o número de candidatos, porque o RAP é um berço político também, de ideias novas, não de politicagem, de projetos novos. Uma visão nova, a visão do povo, o povo pelo povo, não de aristocrata pelo coitado, o patrão e o empregado não, é o empregado que vai falar do outro empregado, que sabe da vida do povo, das pequenas e grandes coisas. É aí que o RAP tem que fazer a diferença. **[Você sairia como candidato?]** Não, não porque eu sou louco, tem que ser um cara mais centrado. **[Por que você se define como louco?]** Sou um cara bipolar, um dia acordo de um jeito e outro dia acordo do outro. Não sou um cara em quem podem confiar muito como político, como rapper talvez.

36 A música e o videoclipe Mil Faces de Um Homem Leal (Marighella) o que significa pra você?]

Mano Brown: O lance de resgatar a figura do homem Marighella é importantíssimo. Ele foi escondido do conhecimento do povo por ser quem ele era, pelas ideias que ele tinha. Eram ideias muito firmes. Zumbi, que viveu no século XVII no Brasil, era a única referência de um herói, de um brasileiro negro. Hoje, você tem o Marighella, que é um cara que morreu nos anos 60, então um cara muito mais próximo. Tudo que tem na esquerda hoje veio das ideias dele, desde os radicais até o mais velhos, desde o PCC até o Comando Vermelho, o PT, tudo isso tem a mão do Marighella. Quando criminosos comuns foram para a prisão de Ilha Grande encontraram estudantes seguidores de Marighella e lá nasceu a Falange Vermelha. Os favelados se uniram, os analfabetos aprenderam sobre estratégia e política com os seguidores de Marighella. O que o ele pregava? Que o povo se armasse para lutar pelos direitos, mas a gente sabe que historicamente o brasileiro é alienado, o povo não é acostumado com grandes guerras. Acredito que tudo que tem hoje que pode se chamar de esquerda vem do Marighella. Era um cara que nem eu conhecia.

37 Você conheceu a luta dele quando recebeu o convite?

Mano Brown: Não, conheci um pouco antes, mas como a vida é muito corrida, a gente vive em uma época muito mais rápida e de desconstrução de mitos. Na minha opinião, a gente vive nessa época, e Marighella é um mito, e também não tenho autoridade máxima para falar disso. Eu fui convidado para fazer uma música para o filme e fazer uma música sobre Marighella foi um presente que eu ganhei.

38 Rola uma identificação sua com a figura do Marighella?

Mano Brown: Sim, Racionais com certeza é a continuação das ideias de Marighella, mesmo sem ter conhecido ou convivido com ele na época. **[Você continua afirmando que ele foi um personagem pesado para você?]**




Brooklyn

Mano Brown: Pesado! Aconteceu muita coisa durante esse processo e continua acontecendo. Cara pesadão, em todos os sentidos.

39 Malcom X, Martin Luther King, Zumbi dos Palmares, são líderes que nós e uma geração inteira conheceu apresentado por você. Hoje uma nova geração tem oportunidade de conhecer Marighella também apresentado por você. Como você conheceu esses personagens?

Mano Brown: Através do RAP. Zumbi a gente ouvia falar levemente através dos livros de escola. No livro ele era colocado como o único personagem herói negro. Os outros, conheci devido ao Public Enemy. Quando a gente começou a se interessar pela cultura do RAP, começaram a chegar as primeiras reportagens do Public Enemy no Brasil, onde ele falava de Malcom X. Fui procurar saber quem era e na época não tinha nem pra vender o livro, peguei emprestado e quando eu li minha mente pirou. Aí muita coisa que tinha ao meu redor, que eu não entendia, passei a entender. Até coisas da minha vida mesmo, passei a me conhecer melhor através do Malcom. O que ele falava no livro tinha muito a ver comigo, a raiz da minha vida, da minha mãe, da minha família lá atrás que a gente não conhecia e nem procurava mexer nisso, porque era muito sofrido. O Malcom foi o cara que explicou um pouco dos excessos, das faltas. Tudo que ele falou eu vivi, eu sei como é que é isso.

40 Qual a diferença entre o Marighella e o Marcola?

Mano Brown: Marcola é a continuação de Marighella. Talvez ele saiba disso, talvez os que sigam ele não, mas talvez eles saibam. Para chegar onde ele chegou, ele deve conhecer muito, ele deve ter lido muito. Não conheço a pessoa dele, mas acho que em algum momento ele deve ter passado por Marighella. O Marcola é um cara intocável hoje, ele tem autoridade. O Marighella morreu por um acaso, sozinho. A diferença deles é a forma de operar o poder. São personalidades históricas, com certeza, por mais que o sistema e a sociedade se ofendam. **[Com os três né? Com você também?]** Eu menos. Mas eu tô na rua, um morto e outro tá preso.

> “Marcola é a continuação de Marighella. Talvez ele saiba disso, talvez os que sigam ele não, mas talvez eles saibam”

Eu não tô fazendo paralelo nenhum aos dois, o único paralelo é em relação a sociedade se ofender com cada um desses personagens. O Marcola luta com as armas que ele tem, que são os soldados dele e a organização que ele montou. A forma que a organização dele arrecada o dinheiro, a forma que o Marighella arrecadava. O Marighella nunca teve nada e morreu pobre. O Marcola tá intocável, ele tem um exército.

41 Como seria Mano Brown sem a música?

Mano Brown: Não seria Mano Brown né?! Seria o Pedro Paulo. Não tinha o que comer, tinha dificuldade pra arrumar um emprego, e de me relacionar com o patrão. Várias dificuldades... Através do rap eu comecei a compreender algumas dificuldades que eu tinha na vida, através do rap eu compreendi, sem o rap eu não entenderia, seria um louco, um rebelde sem uma causa justa.

42 Quando o Mano Brown está a postos, o que acontece com o Pedro Paulo?

Mano Brown: Eu nunca consegui separar um do outro. Eu vivo o Mano Brown todo dia, não tem como separar uma coisa da outra. Talvez só dentro da minha casa que não, mas as pessoas me vêem como Mano Brown, então é também o que a gente aparenta ser, como falei no começo. Eu sou o que eu sou, mas o que aparento ser também é importante. O Mano Brown tem que tá sempre bem, disposto, o Pedro Paulo nem sempre tá disposto. [**E quando o Mano Brown tá disposto, tem voz ativa, o que acontece com o Pedro Paulo?]** Tumultuo. O Mano Brown inspirado deixa até o Pedro Paulo assustado.

43 E quando você percebeu que é esse monstro para compor? Esse monstro da música?

Mano Brown: Eu não sei se eu sou monstro, a ideia é monstruosa, por não ser só minha! Quando a ideia é coletiva se torna monstro. Isso eu falava lá no começo para o Kl Jay. A ideia é monstra, a necessidade é monstra, o problema é monstro, a gente não, nós somos carne e isso é frágil.

44 Quando você se deu conta que você é catalisador dessa energia toda? Monstra!

Mano Brown: Não me dei conta disso. Eu sou muito errado nessa causa, em momento nenhum eu acho que eu sou isso ou aquilo, eu sou mais um de uma causa. A causa é maior que nós. Quem

se coloca a frente da causa se arromba. Tem gente que me vê maior que eu sou, é o lance da aparência. Eles pensam que eu sou ou querem que eu seja uma coisa do tamanho que eles pensam.

45 Você é considerado um dos maiores compositores que o Brasil já ouviu. Como você explica tanto talento?

Mano Brown: Necessidade, sobrevivência. Precisava sobreviver, estudei pouco, não tenho uma profissão definida. Era isso ou partir para o crime, virar estatística. Isso aí eu 'peguei com as dez'. Eu nunca tive pai pra me defender e nem irmão. Fui criado na rua e tive que me defender sozinho, fui para colégio interno, conheço as dificuldades. Eu sei o que é fome, sei o que é humilhação, sei o que é racismo, sei o que é injustiça, eu sei.

46 E como você se tornou um dos maiores talentos da música brasileira?

Mano Brown: Eu não sei se sou esse talento todo. Foi muita luta. Eu vejo muita gente talentosa também e às vezes não tão reconhecida. Eu sou um cara insistente, lutador. Se eu tiver em uma reunião com você e você perguntar minha ideia, eu vou lutar para convencer você pela minha ideia, eu vou trazer 300 argumentos para você acreditar na minha ideia. Têm pessoas que não tem tanta disposição, tem uma ótima ideia mas não tem essa resistência, essa força de convencer, que é um lance de necessidade. Eu tinha que convencer as pessoas que a minha ideia prestava, senão eu ia ser barrado, porque não tem meia ideia, ou é uma ideia ou não é. O rap precisa da força. Três minutos de ideia é ideia pra caralho, imagina onze, sete minutos? É o lance que o Edi Rock e o Kl Jay falam, o Brown é o cara que fala, eles me colocaram para eu ser o cara para falar, porque eu penso muito, tô sempre falando. Eles pensam igual a mim, mas eu falo mais que eles. Eu sou aquele cara de por a ideia, de tentar convencer, porque eu tenho que convencer a pessoa pra vir comigo na ideia. Talvez essa seja a diferença, tem outros rappers aí talentosos também, mais talvez com menos força, menos resistência.

47 Você é generoso?

Mano Brown: Eu sou ser humano. Às vezes sim, às vezes não, com quem merece.

48 Você faz rap Gangsta?

Mano Brown: Perigoso por rotulo né?! Mas se for para escolher um é esse que eu gosto, Gangsta, mas o rotulo é perigoso.

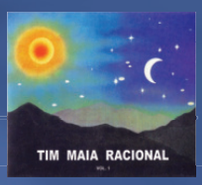
49 Como está o seu envolvimento com a mídia?

Mano Brown: Sempre teve assédio. Até nos momentos em que a gente estava silencioso causava curiosidade em algumas pessoas da mídia. Apesar de eu estar mais experiente, eu continuou não acreditando na mídia, porque eu sei que eu posso virar um produto, uma coisa enlatada, uma moda. Se eu não me posicionar certo, também viro moda, posso virar uma coisa descartável pela mídia. Por mais que a gente viva um momento de desconstruir mitos, o Brasil vive querendo construir celebridades, querendo construir mitos. É talvez uma forma de jogar areia no olho do povo, toda hora lança uma celebridade nova. Eu estou na condição real, eu estou na condição de trabalhador da causa, não embaixador. Teve um momento que os caras foram se reunir com o presidente Lula, que é um presidente eleito por nós, mas eu não quis ir, achava que eu tinha que me resguardar mesmo, ser a carta. Eu não quero ofender os que foram, mas eu acho perigoso qualquer movimento de esquerda estar ao lado do presidente, tem que tá do lado do povo. Uma vez eleito ele é poder, e poder é poder. Poder exerce poder, então eu acho que não é o papel do rap estar ao lado do presidente, e sim nos unir. Tem que tá lá pra contestar o presidente, tem que ta lá ao lado do povo. Não é uma posição covarde não, mas é uma posição estratégica. Meu lugar é a rua, não é ao lado do presidente.

50 Você considera uma triste coincidência os frequentes incêndios nas favelas de São Paulo?

Mano Brown: Esse lance de incêndio em favela sempre teve em São Paulo, em todas as épocas. Toda favela que é situada em uma região que tem uma especulação imobiliária muito pesada, tem incêndio. Sempre teve isso. Aquela favela do aeroporto, que hoje chama Canão, sofria muito incêndio. Era uma favela gigantesca, cruzava quatro avenidas, vinha da Marginal até a Vila Santa Catarina. É lógico que tem muita especulação, tem gente querendo construir coisas lá, é uma maneira de obrigar o governo a remover aquelas pessoas, mas há possibilidades de acidentes também. É um lance até meio delicado de falar porque eu não tenho direito de falar sem causa, falar o que pode ter sido, é perigoso. Eu posso vender sensacionalismo pros caras, mas o metro quadrado mais caro da America Latina é aqui, eles não querem favelas em lugares centrais, estratégicos para o governo, para os turistas, principalmente porque o Brasil cada vez mais está querendo ser um ponto de referência pros estrangeiros. Eles não querem que a favela seja vista, pobreza de mentalidade que não conseguem entender que aquelas pessoas tem que ter lugar para morar, são trabalhadores,

O CAMINHO DOS RACIONAIS MC'S



Nome do grupo foi Inspirado no disco Tim Maia Racional

Z.S.
B.B.Boys (Mano Brown e Ice Blue)

Z.N.
Equipe (Edi Night e KI Night)

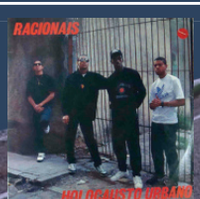
1988
Surgimento dos Racionais MC's



Discografia



Coletânea Consciência Black

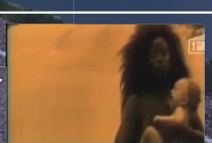


Holocausto Urbano

1990

1992

Abrem o show do Public Enemy



Tempos Difíceis

Videografia



Escolha o seu Caminho

1993



Raio X do Brasil

1994

Show 300 anos de Zumbi
MRN e Racionais são detidos



Mágico de Óz

1997



1998

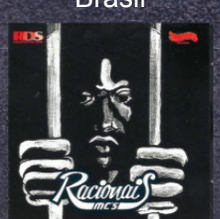
Show VMB
Melhor clip

Ensaio TV Cultura

Diário de um Detento



Sobrevivendo no Inferno



Racionais Mc's

2001

2002

Show no Japão

2003

Furacão cancela Show em Cuba

2004



Mil Trutas Mil Tretas

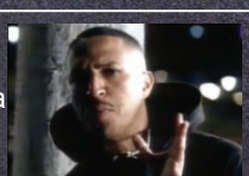
Selo Cosa Nostra



Racionais Ao Vivo

2006

Brown no Roda Viva



2007

2008

Show na Inglaterra

Vida Loka (part. 2)

Músicas Inéditas:
Tá na Chuva
Mulher Elétrica
Boa Noite São Paulo
Cores e Valores
Mente do Vilão
Marighella

2010

Turnê na Europa

Polícia interrompe Show na Praça da Sé

2011

Lollapalloza — VMB



Nada Como Um Dia Após o Outro Dia

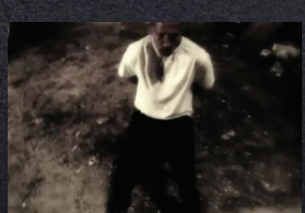
2012



Revista **Rap Nacional**



Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)



Mente do Vilão

gente que sua. Não é só a pobreza da favela não, é pobreza de mentalidade. Não acredito em coincidência não, eu acho que algumas coisas acontecem realmente para mudar o curso da água.

51 Num debate em 2006 você afirmou que o rap, assim como Cuba, estava embargado. Hoje com apresentações como o Loolapalloza e o VMB. Podemos dizer que o embargo acabou?

Mano Brown: Se Cuba tivesse aberto as pernas para o McDonald's, para as coisas que os americanos queriam, estaria inclusa no mundo moderno. Eles não aceitaram e agora aos poucos estão abrindo. O rap, pelo posicionamento político de não querer certas coisas, foi embargado sim. Tivemos que, de alguma forma, entender a nova realidade que o rap tá para poder estar nesses espaços que foram, entre aspas, abertos. Porque o Racionais, mesmo naquela época, era chamado para esses eventos grandiosos. Na minha consideração, aquele evento é tão grandioso quanto o 100% Favela. Agora, para a grande mídia, e para os símbolos, qual que é o símbolo? Tocando em um evento grande, os caras e pá, mas não é um grande evento, é só um show. Também tem um pouco de preconceito nisso aí, de achar que lá é foda. É foda por quê? Aqui também é foda. Então, qual era o lance ali? Ocupar um lugar onde, naquele momento, o rap como movimento, precisava estar ali, ou o Racionais, ou o Facção, ou o Realidade, ou o Dexter. Alguém tinha que estar lá, até para a sobrevivência do barato, como estilo, como gênero. Não ficar de fora desse novo momento e estar lá de igual, não como pedinte, não como serviço social, estar lá de igual com os caras do tamanho que é a periferia de São Paulo. O Racionais tava lá do tamanho que a favela é, pesadão, sem maquiagem. Escolhemos um palco alternativo, não quisemos cantar no palco principal, para estar ao lado das bandas que estavam começando. Não queriamos estar onde estavam as bandas consagradas. Não fomos lá para provar nada, fomos para pegar o dinheiro e marcar território. Acabou sendo um movimento gigante. Nosso movimento é gigante, tanto numérico e simbólico. A causa é gigante, a massa que acompanha o rap é gigante, a gente tinha que tá lá, mas o embargo não acabou não.

> “**Eu considero a Revista Rap Nacional uma mídia competente,** se não for competente pode fazer estrago, até porque vocês estão lidando direto com a minha rapaziada. A nossa né?!”

52 Qual a estratégia a ser adotada pelo rap, nesse novo cenário? Ou nada mudou?

Mano Brown: Os anos passaram, acho que isso foi o que mudou, e pra eles fica sem explicação não ter um grupo de rap lá. Como é que eles vão explicar mais um evento sem rap? O Rock in Rio também chamou o Racionais, esse eu não quis ir, era simbólico também, mas no momento não era importante, não era aquilo que eu queria, não iria fazer a diferença. O Loolapallooza foi mais...

53 Você já recusou a participação em eventos, programas de TV e reportagens em algumas emissoras. Porque você concordou em dar está entrevista pra nós da Revista Rap Nacional?

Mano Brown: Por motivos óbvios. Mas eu podia também ter falado não se o posicionamento de vocês na caminhada não fosse certo. É lógico que eu ia olhar com mais carinho, mas se eu não achasse o posicionamento da revista bom eu não faria. Eu considero a **Revista Rap Nacional** uma mídia competente, se não for competente pode fazer estrago, até porque vocês estão lidando direto com a minha rapaziada. A nossa né?! Na minha visão estamos na mesma caminhada, na mesma luta e por isso eu aceitei. Agora, se vocês tivessem outra direção, eu não aceitaria. Vocês tem qualidade, por isso que eu aceitei e por acreditar que vocês podem chegar ainda mais alto.

54 É possível a gente ver um show do Racionais MC's de graça em São Paulo, depois do que aconteceu em 2007 na Praça da Sé?

Mano Brown: Levando em consideração que tudo o que eu faço é Racionais também, eu tenho feito coisas na rua de graça, aí que tá o grande lance. Talvez por não ter aquela divulgação do evento da Praça da Sé, pode parecer que a gente não esteja fazendo, mas a gente vem fazendo isso, talvez até com mais gente. Cantamos na favela do Paraisópolis, tinha 30 mil pessoas. E na Praça da Sé não tinha 30 mil. Com certeza que não tinha **[Mais você considera aquele momento marco? Um divisor de águas?]** Negativamente sim. **[É o tipo de coisa que você não gosta de falar?]** Não, eu falo de qualquer coisa, não tenho esse problema. Eu tenho também noção da

responsabilidade que eu tive no dia, certas coisas que eu falei que devem ter desencadeado outras coisas, coisas que eu vi acontecer na hora, que eu expressei e na mesma hora teve retorno. Não me arrependo, mas ali foi uma tragédia anunciada. [**Você acredita que a ação da polícia foi premeditada?]** Acho que sim. A forma que a polícia tava ali desde o momento que falou "Racionais", parecia que eles estavam preparados para um confronto, não para um show. A forma como a polícia se posicionou, tratando as pessoas como adversários, não como se eles fossem prestar segurança para as pessoas. Quando eles viram a cara do público, eles se comportaram como adversários do público. O papel deles é estar ali para proteger, mas eles estavam ali para confrontar, que é o posicionamento típico da Polícia Militar de São Paulo com a raça negra, com o povo da periferia. São os pequenos confrontos do dia a dia que ganharam dimensão monstra na Praça da Sé. Tudo que é feito lá ganha dimensão maior, como o Anhangabaú em 94, que talvez tenha sido um confronto até maior, mas não teve tanta repercussão na mídia porque na época o Racionais não tinha o tamanho que tem hoje.



55 A polícia continua violenta?
Mano Brown: Tá cada vez mais violenta, mais prepotente, mais arrogante. E com o governo do Kassab e Alckmin juntos, muito mais. Cada vez mais desrespeitosa, descumpridoras da lei. Estão criando cada vez mais leis próprias, paralelas, eles tem código próprio, o código do dia, o código da noite. O governo que nós temos na cidade e estado de São Paulo dá esse aval pra eles, essa autoridade pra descumprirem as leis da forma que eles quiserem.

56 E quando você é parado em uma blitz, em uma geral, eles te reconhecem, tem um tratamento pior, ou falam não vamos pegar mais leve porque ele é o porta voz?
Mano Brown: Eu tenho que tomar cuidado. Eu tomo cuidado, não posso dizer que é isso ou aquilo, porque eu encontro dentro da PM cara que queria um autógrafo e cara que queria me matar na hora. Se pudesse me mataria na hora. Uma vez eu fui enquadrado pela Rota e o cara falou assim pra mim: "Eu não gosto de você, não gosto de sua música, mas o meu filho, se eu não comprar o CD pra ele, eu não entro nem em casa". Aí teve outro que falou pra mim: "Raça do caralho é a puta que te pariu" e eu falei: "Tem 20 anos isso aí" e ele respondeu que o filho dele tem 21 e há 20 anos ele convive com isso". O filho dele cobrando ele? Há pouco tempo eu fui abordado por dois policias negros, a gente conversou meia hora sobre raça, polícia, racismo. Os caras

me cumprimentaram e mandaram eu ir embora, na madrugada.

57 Você acredita que a morte que rondou os evento de rap há seis anos, hoje aterroriza os MC's de funk, ou isso não tem nada a ver?
Mano Brown: Só que agora eles estão direto na fonte, no emissor da ideia. Antigamente, eles atacavam alguém ao redor do show, agora estão atacando o próprio cantor, até pela própria falta de proteção que eles têm. Agora é acordar que eles estão desprotegidos, falar o que eles falam sem proteção nenhuma é falta de inteligência. Eu tenho um convívio com os caras do funk, eu falo: "Cara, você tem que andar com advogado, com um batedor na frente e outro atrás. Quem fala o que você fala, quer a liberdade que você quer, não pode andar desprotegido". Como o Racionais também não pode andar desprotegido. É visão militar, infelizmente é guerra, é rua, você tá na noite, tá sozinho, desprotegido.

58 Mas você vê relação entre a coisa que rondava o show de rap e de repente foi parar no funk?
Mano Brown: Claro, é o mesmo povo, é a mesma cor. Eles não estão diferenciando se canta funk, rap ou samba. É favelado falando, eles não gostam. **[Existe a possibilidade de em algum momento esse favelado falando [o funkeiro] ter sido legal e bacana? Porque de repente esvazia o show de rap, e agora não vale mais a pena porque tem mobilizado muita gente. Naquele momento, valia a pena embarrerar no show de rap, agora vale a pena embarrerar no funk. Ou não? Não tem toda essa inteligência, é uma coisa maquiavélica?]**
Mano Brown: Essa inteligência existe e ela é maquiavélica também. O errado é os que não são do funk não protestar pelos os que são do funk. Tem que protestar por eles e eu já ando falando em alguns lugares também. A gente sabe que na verdade ali é racismo puro, isso é racismo puro, porque nos anos 80 o rock falou o que quis e pregou o sexo abertamente.

59 Ano que vem completam 10 anos da ausência do Sabotage, o que ele significou pro rap?
Mano Brown: O Sabotage era um rapper carinhoso, ele é o rap. Uma vez, a gente conversando, eu falei em tom de brincadeira, eu escrevo rap, o Edi Rock canta rap e o Blue é o rap, eu acho que Sabotage é o rap. Ele era o rap de carne e osso. A minha definição é essa.

> "Eu sou o cara que a tristeza e alegria tá no sangue, eu sou um cara que vivo a felicidade e a tristeza no mesmo dia, todos os dias"

60 Como vocês se conheceram?
Mano Brown: Conheci ele namorando uma mina que eu namorei na adolescência. Isso em 88, na Vai Vai. **[Assim que você viu ele, você já sabia que ele ia tinha talento, que ele era um rapper?]** Não, ele se afastou do rap durante um tempo, foi viver as coisas dele. Quando voltou, através do Rappin Hood e do Helião, é lógico que a gente reparou nele, a gente viu o diferencial logo, rápido. A primeira vez que o cara se expressa você percebe que o cara é diferenciado e com o tempo ele foi melhorando, foi pegando a fama, virou um mito. E eu acreditei porque é um cara apadrinhado pelo Helião, que é um conhecedor. Depois que ficou pronto eu tive certeza que eu acertei, que eu tinha acertado.

61 O que nunca te perguntaram em uma entrevista e você gostaria de falar, ou algum tema que você gosta de falar e nunca te perguntam?
Mano Brown: Últimamente não. Não me perguntavam muito sobre música. De uns dias pra cá, até que perguntam um pouco. Eu achava que o rap deixava a música de lado, e eu achava errado isso. Temos que começar pela música, a revolução através da música.

62 Qual foi o momento mais triste da sua vida e mais feliz?
Mano Brown: Eu não me lembro de momento muito triste em minha vida não. Eu sou o cara que a tristeza e alegria tá no sangue, eu sou um cara que vivo a felicidade e a tristeza no mesmo dia, todos os dias. Tristeza e felicidades ao mesmo tempo. Hoje é um dia feliz! Alegria é momento.

63 Qual o seu sonho?
Mano Brown: Meu sonho é coletivo, agora se eu descolar uma casa no meio do mato para ouvir um som e pá, é um sonho nem tão distante que eu gostaria de realizar. Mas a maioria dos meus sonhos são coletivo, o que eu quero é difícil, eu quero pra muita gente.


Brooklyn



Muitas Atitudes Formam Ideias em Armas

Por Elaine Mafra | **Foto** Felipe Miranda

O grupo Arma-zen já acumula 13 anos dedicados ao Rap Nacional e nesta caminhada enfrentou muitos obstáculos. Entre altos e baixos, o grupo seguiu firme para alcançar seus objetivos e um deles foi realizado no dia 11 de setembro, com o lançamento do disco M.A.F.I.A. Nesse mesmo dia, pela primeira vez o rap subiu no palco do Teatro Alvaro de Carvalho, um dos mais importantes do estado de Santa Catarina. Essa foi mais uma das barreiras quebradas pelo Arma-zen, que há muito tempo vem desbravando caminhos.

A origem do Arma-zem é a favela do Monte Cristo, em Florianópolis/SC, berço do rap catarinense. Foi lá que em 1999, Negro Rudhy e Mc Khlaff, inspirados nos grupos RZO, Wu Tang Clan e Racionais MC's, fundaram o Arma-zen. Quatro anós após a criação o grupo já tinha sete MC's e um DJ, o que causava impacto durante as apresentações, tanto pelo grande número de pessoas no palco, como também pela qualidade das músicas. O primeiro CD Demo foi lançado em 2004 com o título "AZ FORMIGAZ VENENOSAZ". Nessa época o grupo abriu shows do Sistema Negro e Facção Central, o que deu maior visibilidade ao Arma-zén no cenário hip-hop. Em 2006, com o lançamento do disco "A Caminhada é longa... e o chão tá liso", primeiro trabalho profissional do grupo, o Arma-zen ganhou ainda mais destaque e recebeu três prêmios: Lança de Ouro (Porto Alegre/2009), Prêmio Rap Popular Brasileiro – RPB (Florianópolis/2009), e Melhor Grupo de Rap, no Prêmio Jornal de Santa Catarina, do Grupo RBS (Florianópolis/ 2009).

Com mais maturidade e experiência, o disco M.A.F.I.A. representa um novo momento na história do Arma-zen e várias participações chegaram para somar, entre eles Ed Soul, Negro Nill (Fv Coerente), MC BB Gigante (Floripa MCs), Renan (Inquérito) e Komay. Os temas desse novo disco também são mais amplos em relação aos trabalhos anteriores. Nas 14 faixas do disco é possível ouvir músicas sobre terrorismo, evolução do gueto, dinheiro, mulheres, entre outros assuntos. Todas as músicas do novo CD foram muito bem trabalhadas e estão com excelente qualidade. Destaque para "Hiberno", com participação de Renan, do grupo Inquérito, e a faixa-título: M.A.F.I.A A sigla acompanha o grupo há mais de dez anos e significa Muitas Atitudes Formam Ideias em Armas".



Compre na www.lojarapnacional.com.br

MARCUS KAWADA

Capão Redondo o berço da revolução





Por Paula Farias

É na Estação Santo Amaro, zona sul de São Paulo, que tomamos o metrô da linha 5 lilás, sentido Capão Redondo. Nosso objetivo é conhecer de perto a revolução que as ONGs, ligadas ao RAP estão fazendo na região. Durante o trajeto, pela janela observamos um grande mosaico formado por casas simples e também sobrados. A falta de espaço faz com que as construções sejam feitas coladas umas nas outras, dando uma forma diferente e inusitada ao conjunto. Algumas casas são coloridas, outras estampam o vermelho dos tijolos sem reboco, e assim vão desenhando o cenário de um dos bairros mais populosos de São Paulo.

O Capão Redondo, eternizado nas letras de Mano Brown, foi destaque no noticiário internacional na década de 90 ao atingir a triste estatística de local mais violento do mundo, em relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Hoje o bairro vive uma nova realidade, graças a iniciativa de algumas pessoas que acreditaram que a transformação social é possível.

Desembarcando na estação Capão Redondo, nossa primeira parada foi o Periferia Ativa, depois passamos pela Intereferência e finalizamos nossa visita no Capão Cidadão. Nas próximas páginas você conhece um pouco desses projetos que têm mudado a vida de milhares de pessoas.

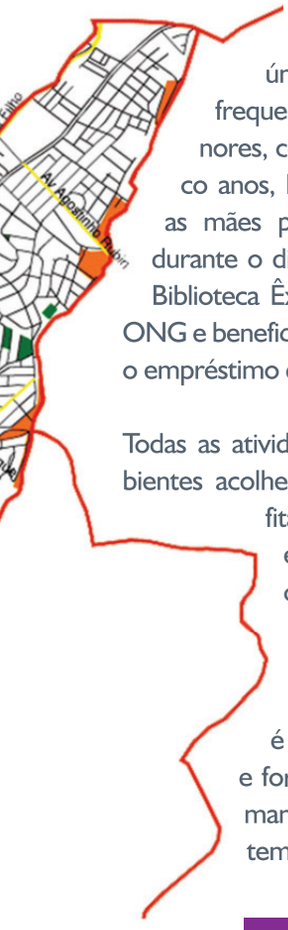


Periferia Ativa e o hip-hop além das palavras



Desembarcamos na estação Capão Redondo e seguimos rumo ao Periferia Ativa, projeto enraizado dentro do coração da favela Godói. Ao caminhar pelas vielas grafitadas, becos e escadas, é possível notar a transformação que o projeto fez na comunidade. O Periferia Ativa existe há 10 anos e foi idealizado por Nego Du, que uniu Ylsão, Alexandre e Tór, integrantes do grupo Negredo. Ferréz e Mano Brown são os padrinhos da ONG e ajudaram a transformar o sonho em realidade.

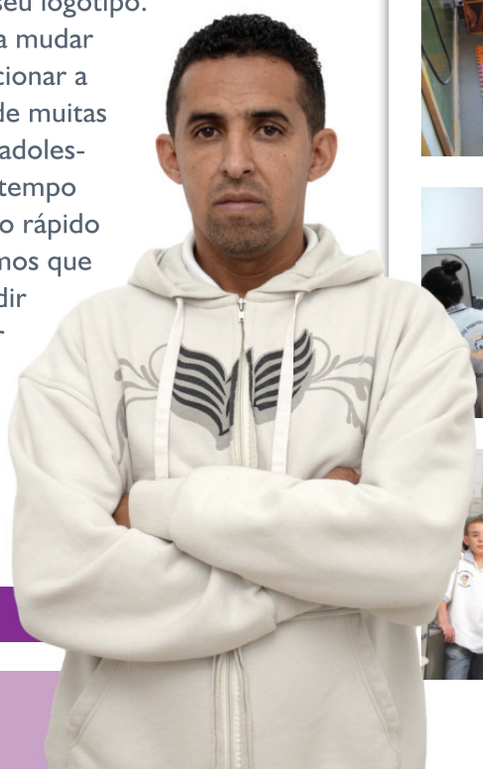
Infelizmente, Nego Du faleceu em 2004 e não está mais aqui para ver o quanto o seu sonho cresceu. A ONG oferece oficinas gratuitas para crianças e adolescentes, entre elas web design, gravação e edição de vídeos, capoeira, black, informática e estúdio de gravação musical. A única exigência é que todos frequentem a escola. Para os menores, com idade entre dois e cinco anos, há a brinquedoteca, onde as mães podem deixar seus filhos durante o dia, enquanto trabalham. A Biblioteca Êxodus é outro projeto da ONG e beneficia toda a comunidade com o empréstimo de livros.



Todas as atividades acontecem em ambientes acolhedores, com paredes grafitadas, móveis, brinquedos e aparelhos em ótimas condições de uso e com a qualidade que a comunidade merece. Para manter tudo funcionando é preciso muita dedicação e força de vontade. "Para nos mantermos financeiramente temos a festa 100% Favela. Também criamos bazares e feijoadas para arrecadar verba. Para seguirmos em frente, nos unimos todos, porque o projeto não pode parar, comenta Ylsão, do Negredo.

O projeto tem que continuar pois essas crianças e adolescentes tem histórias de vida muito parecidas, cheias de sofrimento, lutas e superações, e elas encontraram no Periferia Ativa o espaço para se desenvolverem e aprender que uma vida de paz e felicidade é possível. "Para mim tudo isso é muito especial por que eu amo isso aqui. Tudo que se faz com amor, cresce. Isso é um pouco do meu sonho, do Negredo, Nego Du, Ferréz e do Mano Brown. Hoje, estamos ajudando essas crianças a crescerem, nós temos um papel importante. Servimos de exemplo para que outras pessoas também se mobilizem, façam projetos e ajudem suas comunidades", declara Alê, presidente da ONG e DJ do Negredo.

O Periferia Ativa é uma mão que está ajudando a erguer a periferia, como simboliza seu logotipo. Ajudando a mudar e a revolucionar a realidade de muitas crianças e adolescentes. O tempo passa muito rápido e nós tivemos que nos despedir para seguir nossa viagem rumo a Interferência.



Dj Alê, presidente do Periferia Ativa















Interferência transforma vidas através da literatura











"A tarefa da literatura é ajudar o homem a compreender-se a ele mesmo". A frase de Máximo Gorki, escritor russo e comunista, ajuda a simbolizar o trabalho desenvolvido pela ONG Interferência, dirigida pelo escritor Ferréz.

O que antes era somente mais uma casa, entre tantas do Capão Redondo, desde 2008 se tornou um espaço de leitura e conhecimento para as crianças. Através das palavras elas estão aprendendo a compreender a si mesmas e ao mundo. O projeto surgiu depois de uma viagem de Ferréz à Alemanha. Lá ele visitou salas de leitura e isso despertou ainda mais o desejo de levar para dentro de sua comunidade algo diferente.

Mesmo com pouco tempo de existência, o Interferência vem literalmente interferindo na vida da comunidade. Já são 148 crianças atendidas, com idade de cinco a 12 anos, todas matriculadas na escola e de segunda a sábado recebem reforço escolar e aulas de leitura com a pedagoga Evanise, mais conhecida como Tia Nice. E os sábados ainda têm aulas de capoeira, com o Tio.

Em relação as atividades desenvolvidas, Ferréz faz questão de acompanhar de perto e de interagir literatura com letras de rap. "Temos a nossa planilha de ensino, na qual consta como e quais serão as atividades. Por exemplo, têm dias que usamos um livro do Buzo, outro dia um livro do Sérgio Vaz, há dias que são letras do Sabotage, porque temos a introdução do Hip Hop também. São desenvolvidas atividades também com painéis, pinturas de quadros, mosaicos e ao final do mês organizamos uma festinha e expomos tudo o que foi produzido. Fora isso, temos atividades relacionadas com as datas especiais, como o dia dos pais, das mães, entre outras", comenta.

As mudanças que essas crianças estão vivendo a cada livro lido, a cada nova descoberta, estão ajudando a transformar as famílias como um todo. Pois a Interferência, agora está também melhorando a relação entre pais e filhos e fazem com que pais se emocionem ao receber uma lembrancinha em datas especiais, despertando o interesse em saber o que seus filhos estão aprendendo e como eles estão se desenvolvendo.

Esse trabalho de literatura, rap e revolução tem transformado vidas e afastando as crianças das ruas e armadilhas do sistema. O projeto é mantido através da autogestão e ajuda de parceiros. "Temos vários parceiros que ajudam no dia a dia, como o Negredo. Recebemos também o apoio de um buffet. Organizamos bazares para arrecadar fundos e o restante quem banca é a 1DASUL mesmo. Pois, o Interferência para mim é muito gratificante. Eu poderia ter ficado somente nos livros, mas eu resolvi fundar um projeto social porque eu sentia a necessidade de mudar um pouco o meu bairro. Falar é muito bom, mas precisamos de ação. Eu não me sentia presente fazendo ação só através dos meus livros", revela Ferréz.

Para quem ainda tem dúvidas sobre a força avassaladora do hip-hop, Ferréz deixa o recado. "Quem me ensinou a ter postura ideológica e querer trabalhar com o social foi o rap. Pois ele tem a força de mudar as pessoas, não é somente a literatura o Hip Hop está inserido na parte de contestação e transformação que ajuda na luta diária", finaliza.

É com o sabor da literatura no coração, que saímos do Interferência rumo a mais um grande projeto enraizado no Capão Redondo.

Ferréz, diretor da ONG Interferência

Capão Cidadão resgata a infância com arte e educação



Formar cidadãos e resgatar a infância são os principais ideais de uma família *vida loka* que está ajudando a mudar a realidade de muitas crianças do morro do Piolho, no Jardim Valquíria, Capão Redondo.

O movimento itinerante "Não a violência eu quero lazer", que no final da década de 90, levava atividades culturais para vários bairros da região, desde 2004 se transformou na ONG Capão Cidadão. A entidade tem como presidente Ione Dias, cunhada de Mano Brown, e o vice-presidente é o Paulo Dias, marido de Ione.

A ONG Capão Cidadão trabalha arte e educação com crianças de cinco a 14 anos. Elas frequentam a escola e no contraturno recebem aulas de balé clássico, futebol, reforço escolar. São promovidas também reuniões com a comunidade, bazares para arrecadar fundos e a realização da festa social do Capão Cidadão, que leva gratuitamente para a comunidade, corte de cabelo, pesagem para as crianças, gincanas, exame de vista, entre outras atividades. No encerramento da festa sempre rola um show de rap.

A ONG, que tem como lema: "Plantando Conhecimento", tem ajudado as crianças a descobrirem um novo mundo. "Nós somos do rap, temos a preocupação de trazer a cultura do rap. O nosso projeto central é o plantando conhecimento, nós temos a preocupação de sempre explicar o porquê das coisas. E criamos as aulas de reforço, para ajudar as crianças com dificuldades, e assim vamos plantando o conhecimento", comenta Paulo Dias.

O Capão Cidadão também prática o resgate a infância, incentivando as brincadeiras mais simples e prazerosas, entre elas pular amarelinha, corrida do saco e pular corda. "Aqui as crianças aprendem a brincar, tudo intercalado com as aulas de reforço, já que muitas crianças já têm computador, já sabem usar. Então aqui elas aprendem o resgate da verdadeira infância", analisa Paulo.

Uma das atividades mais procuradas são as aulas de balé clássico, que aos poucos conquistou a preferência das crianças. E hoje em dia, a comunidade do Morro do Piolho tem a oportunidade de fazer algo até então inimaginável. "Quando eu olho para muitas dessas crianças eu vejo a minha história. Quando era criança eu tinha o sonho de fazer balé, mas não tinha condições. Então sempre pensei, um dia iria ajudar alguém a fazer. Hoje em dia vejo as meninas chegarem todas prontas para a aula, com sapatilha, e isso é muito emocionante. Afinal quem foi que disse que elas não podem fazer? Podem sim", relembra Ione Dias, presidente do Capão Cidadão.

Com tantas batalhas vencidas, a ONG conquistou o respeito e o carinho da comunidade. O trabalho desenvolvido pelo Ca-



Ione Dias e Paulo Dias














ARNALDO SOARES

pão Cidadão também recebeu algumas premiações entre elas, o prêmio "Generosidade", da Editora Globo, o prêmio Ordem do Mérito Cultural, concedido pelo Ministério da Cultura e o prêmio de Direitos Humanos, pelo trabalho com as crianças.
Mas para eles a premiação mais importante foi entregue pela Cooperifa. "Esses prêmios são entregues por pessoas de fora, para quem faz trabalhos na periferia. Já o prêmio que o Sérgio Vaz, através da Cooperifa entrega é de nós pra nós, é de quem acompanha e participa diariamente da nossa luta.", ressalta o vice-presidente.

Manter todas as atividades do projeto funcionando não tem sido uma tarefa fácil. A ONG sobrevive de doações e da colaboração de parceiros eternos, que mesmo não estando presentes diariamente, sempre ajudam quando necessário. "O Brown não está aqui todos os dias, mas quando precisamos nós chamamos, ele vem e faz um show. Recentemente teve um show pago pelo Sesc e ele doou o cachê para o lanche das crianças. Ele tem esse comprometimento com a ONG. O Ice Blue também ajuda quando precisamos, estamos sempre juntos", garante Ione.

A família vida *loka* segue trabalhando junto, unindo forças e vencendo as dificuldades. "O início foi muito difícil, mas em todos esses anos muitas coisas já foram feitas. Hoje em dia, vendo o balé e todas as crianças, eu me sinto realizada. Pois muitas continuam aqui conosco, outras já cresceram e estão em outros cursos ou até mesmo trabalhando e continuam falando da ONG. Dessa maneira percebemos que já plantamos algumas sementes de transformação. E ainda há aquelas crianças, que no meio da comunidade me chamam de mãe, isso não tem dinheiro que pague", finaliza Ione, visivelmente emocionada.

Nossa visita as ONGs do Capão Redondo chegam ao fim. É hora de voltar ao metrô, dessa vez sentido Grajaú. Aprendi muitas coisas nessa visita, mas principalmente que a revolução realmente começa nas pequenas coisas para depois tomar grandes proporções. Periferia Ativa, Interferência e Capão Cidadão, a revolução na periferia têm nomes e sonhos.







Bang Africano resgatando e valorizando a cultura negra

Por Paula Farias | **Foto** Arnaldo Soares

"As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram os que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos", Malcon X. Essas palavras ajudam a simbolizar a luta do rap, em devolver ao povo negro o orgulho de sua origem. O Brasil, que tem a maior população de negros fora do continente africano, se tornou importante nessa luta, em que a música é uma ferramenta de resgate da autoestima.

Os resultados são difíceis, mas vêm sendo alcançados. No Censo do IBGE 2010 50,7% da população se declaram negras, ou seja, os brasileiros estão assumindo sua verdadeira identidade étnico-racial. O rap nacional engajado tem uma forte influência nessa mudança de postura. E diante do desafio de continuar rimando sobre a negritude, o grupo Negredo acaba de criar o projeto "Bang Africano". "Eu e o Big do RDG, tivemos a ideia de fazer o Bang Africano, que será uma mixtape que irá unir alguns grupos. Serão 10 músicas inéditas do Negredo e do RDG, com participações especiais do Negreta, Gaspa, Boy Killer e Lino Krizz", comenta, Ylsão, do Negredo.

Dessa forma, o Bang Africano pretende contribuir para que mais pessoas assumam sua identidade étnico-racial. "Nossa ideia é falar sobre a África e o Brasil, a cultura afro, a capoeira, o candomblé, dos costumes e tradições do povo negro. Vamos falar também da Bahia e grandes heróis como Zumbi e Solano Trindade também serão citados", declara Ylsão.

A ideia de exaltar a força e cultura do povo negro, trazendo para as rimas a questão da negritude, mas com uma abordagem diferente da habitual, faz Ylsão desabafar. "Eu já tinha a ideia de falar mais sobre a negritude, porque dentro do rap está se falando pouco sobre a cultura afro. Os rappers estão mais focados no tiro e na polícia. Sendo assim, resolvemos criar o projeto e convidar os parceiros que falam sobre negritude".

Além da diversidade de temas, o disco ainda terá as produções dos DJs Dri, Alê, Cia. Já o selo 1DASUL será responsável pelo lançamento, que deve acontecer em novembro, e a Cosa Nostra, sob o comando de Mano Brown, está fazendo as produções finais e os arranjos musicais.

Musicalidade fazendo o público dançar, mas mantendo o protesto com letras inteligentes. Essa é a proposta do primeiro disco do Bang Africano. "A ideia é no futuro lançar o volume dois, com outros rappers e assim movimentar a cena do rap. Já que o movimento não pode ficar parado. O rap precisar abrir novas portas, temos que trabalhar e não ficar na mesma. Chegar forte e investir na cultura", finaliza Ylsão.

JL E SEU NOVO ÁLBUM: EU ASSINO

Por Cristiane Oliveira | **Fotos** Divulgação

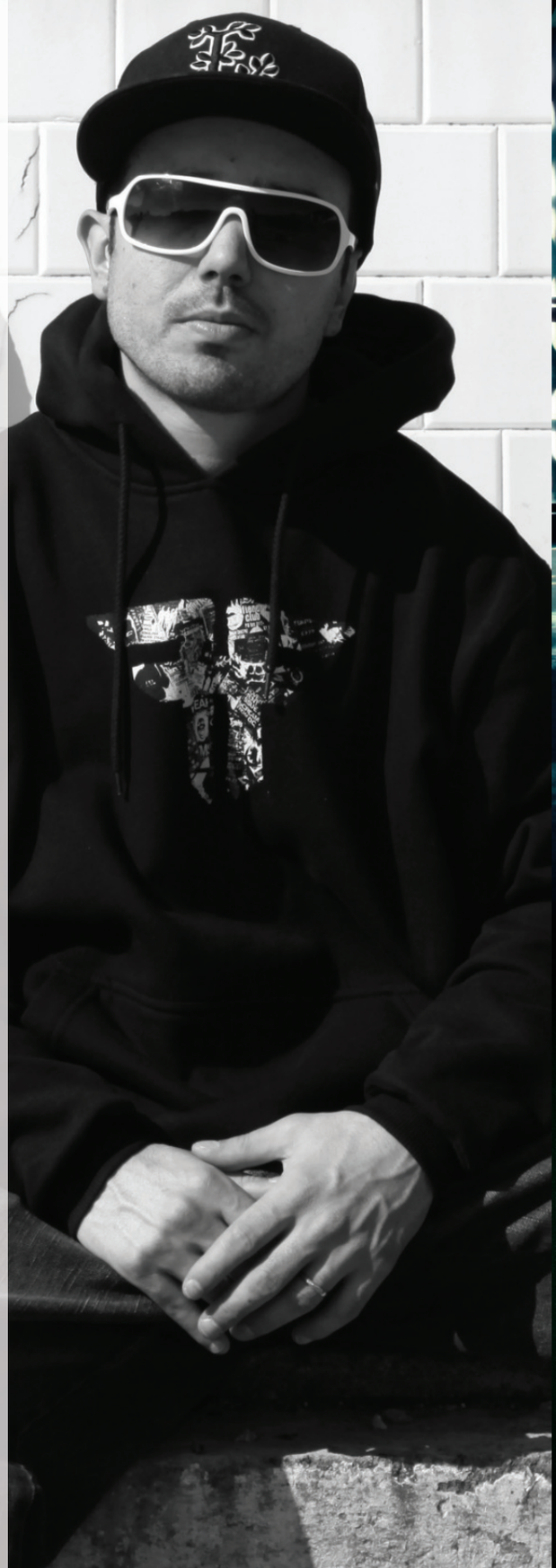
Lançando seu terceiro CD, JL é exemplo da "irregionalidade" do hip-hop. João Luiz, vulgo JL, é musicista e rapper, natural da cidade de Caxias do Sul/RS e já lançou dois CDs oficiais. JL começou a escrever e tocar violão aos 15 anos de idade. Sua primeira banda de RAP chamava-se "Desarme" e foi uma das primeiras do gênero na cidade. Em 2007, JL lançou seu primeiro CD com o título "Minha Fé, Minha Rima".

De lá para cá o MC vem mostrando talento e maturidade para assumir o microfone e passar sua mensagem. O ano de 2012 se tornou especial na vida de JL por diversos motivos. Ele ganhou o prêmio Lança de Ouro, na categoria melhor cantor, lançou singles, videoclipe, e agora traz para a rua seu terceiro disco, "Eu assino". Produzido de maneira independente, esta obra traduz a sensação de missão cumprida. "Esse é o primeiro álbum que eu faço de forma independente. Os dois anteriores "Minha Fé, Minha Rima" (2007) e "Eu Vivo Pra Rimar" (2010) tiveram financiamento público, mas desta vez eu optei por fazer independente, até mesmo pra provar pra mim que o RAP consegue caminhar com suas próprias pernas", comenta.

De maneira muito natural, JL deu rima ao "Eu assino". Em 2011 começou a compor as músicas e assim foi surgindo o álbum. "Lancei em dezembro a música "Mil Letras" com um videoclipe e teve uma repercussão muito boa. Continuei escrevendo e buscando novas produções. Conheci o Terra Preta através de um videoclipe e o convidei para fazer uma participação na música "Eu Vim Até Aqui", que teve um resultado ótimo. Conheci também o Vras77, diretor de vídeo e executamos a gravação do clipe dessa música. O resultado foi muito bom. O clipe começou a rodar na MTV e a partir desses resultados eu percebi que já estava em outra fase e era necessário colocar na rua um álbum com essas músicas. Foi praticamente um ano inteiro compondo e ajustando as músicas, selecionando técnicos, músicos e produtores para que o disco saísse da melhor forma possível", explica.

Considerado por ele o mais pessoal de seus álbuns, JL mostra neste CD seus sentimentos de maneira sincera, fala de sua vida pessoal e de suas reflexões. "Os assuntos variam entre superação, motivação, autoestima, experiências pessoais e tudo que eu vivencio. Escrevo sobre o que me faz sonhar e me libertar", finaliza.

Para conhecer mais sobre JL e comprar o CD "Eu assino" acesse o site: www.jloficial.com



REAÇÃO

SEM TÍTULO PRA NÃO ROTULAR



JÁ NAS LOJAS
PEGUE GRÁTIS
O SEU



SWAG MAGAZINE CA
WHERE EVERY ARTIST SHOULD BE







Yo, aqui é Larry Smith, editor da SWAG MAGAZINE CA, diretamente da Califórnia, Estados Unidos. Eu sou fotógrafo, jornalista, designer, faço vídeos, assessoria e eventos, conheço todo mundo do RAP, sou diretor de um site e de uma revista, resumindo, sou como o Mandrake aí no Brasil, fazemos praticamente o mesmo tipo de trabalho, deve ser por isso que nos encontramos. Como você já sabe, nós fechamos uma parceria junto a Revista RAP NACIONAL, onde eu vou mostrar um pouco do que acontece do verdadeiro RAP aqui na minha área. Sei que muita gente pensa que o RAP aqui fora esta totalmente vendido, mas isso é mentira, além dos artistas que estão na grande mídia, existem milhares de rappers correndo pelo certo e representando os guetos americanos, o verdadeiro gangsta RAP. E são esses caras que quero apresentar para vocês brasileiros em nossas páginas. Esta parceria é muito importante pois pessoas do Brasil vão poder conhecer um pouco mais de nosso RAP, assim como nós também estamos conhecendo muito do RAP brasileiro, através da coluna de Mandrake em nossa revista.

NU JERZEY DEVIL



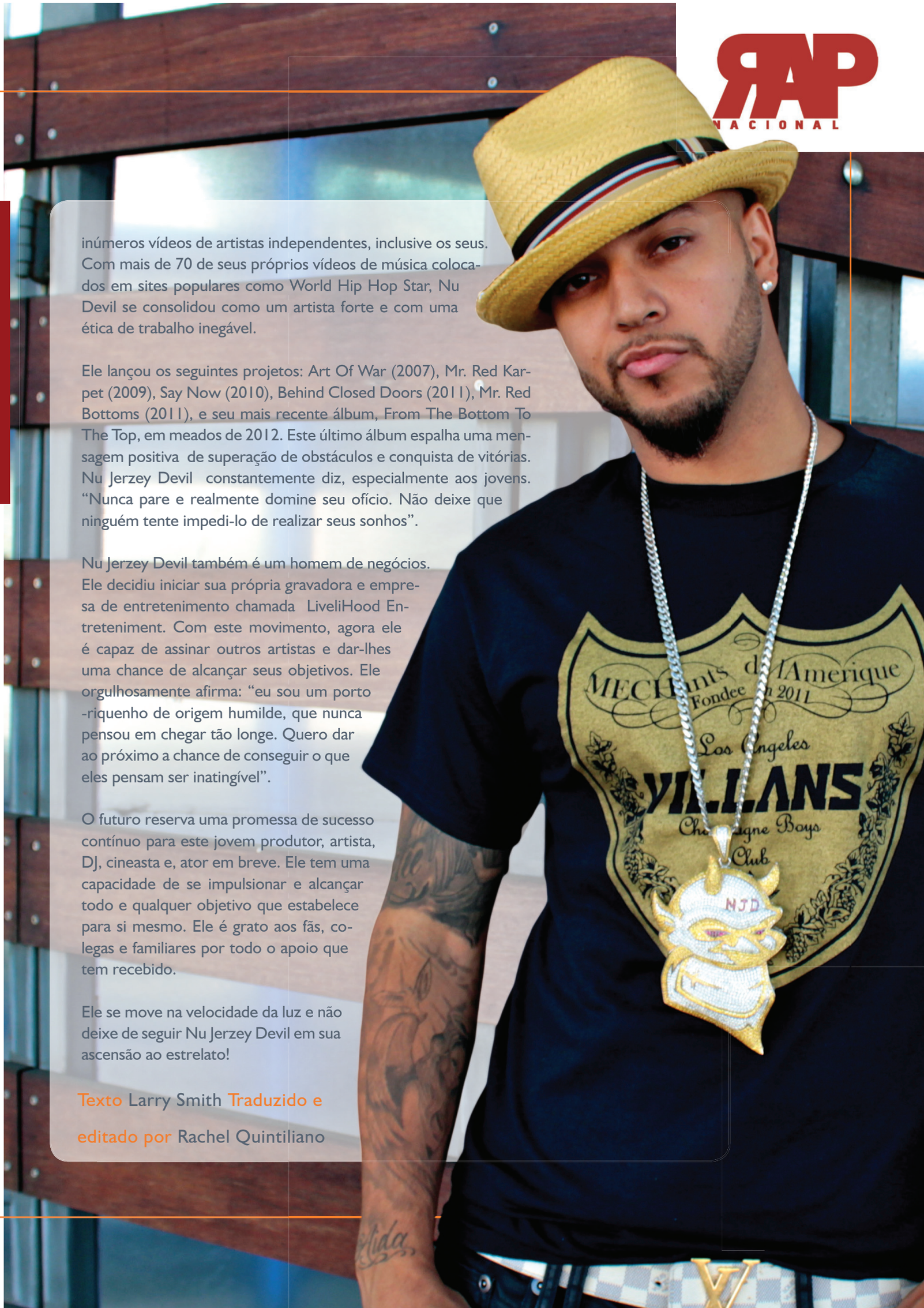
Em uma noite, no estúdio de gravação em Hollywood, na Califórnia, Nu Jerzey Devil entra com alguns membros de sua comitiva e, corajosamente, solicita que a faixa seja executada. Sem tempo a perder, ele começa a estabelecer um corajoso jogo de versos. É possível sentir a paixão em sua voz quando ele cospe cada letra, cada rima, em total sincronia com a melodia. Ele sai da cabine e diz a Street Kash, "você é o próximo".

Ele se senta e começa a transmitir a sua história de porquê ele escolheu entrar na indústria do entretenimento. Nascido no Bronx, Nova York e criado em Atlantic City, Nova Jersey, Nu Jerzey Devil é o caçula de seis filhos de pais porto-riquenhos. Percebendo o seu talento para o jogo de palavras ainda muito jovem, seu irmão mais velho começou a prepará-lo para o que inevitavelmente se tornou sua verdadeira vocação.

Nu Jerzey Devil entrou na indústria da música como um dj e produtor recomendado e orientado por nomês, como Scott Storch e Rodney Darkchild Jerkins. Foi a partir deles que aprendeu a receita para fazer uma música de sucesso. Juntamente com Darkchild, Jerzey também assinou, em 2003, a trilha sonora do filme Honey da Universal Pictures e do filme My Baby's Daddy. Produziu registros para grandes artistas, como Lil Wayne, o que só confirmou sua crença de que seu destino era seguir seu sonho de se tornar um artista internacionalmente aclamado e um grande produtor.

Quando decidiu mudar da Costa Leste de Los Angeles, Jerzey conheceu um jovem rapper de nome Game, que tinha acabado de assinar contrato com a Aftermath Records (Interscope). Instantaneamente eles se ligaram e começaram a gravar "The Black Wall Street Anthem", que Nu Jerzey Devil produziu. Através do vínculo que construiu com Game, Jerzey promoveu turnê, não só nos EUA, mas em todo o mundo. E ele afirma: "Eu sou um latino orgulhoso e fui capaz de representar minha cultura. Minha música tornou-se aceita por muitas culturas e pessoas diferentes. O apoio que eu recebi é um sopro para a mente"

Por ser um artista multi-talentoso, em 2010, Jerzey aventurou-se no mundo da cinematografia e criou sua própria empresa. Trabalhou para Lil Wayne, na produção do "The Carter", lançado em 2009, e dirigiu



inúmeros vídeos de artistas independentes, inclusive os seus. Com mais de 70 de seus próprios vídeos de música colocados em sites populares como World Hip Hop Star, Nu Devil se consolidou como um artista forte e com uma ética de trabalho inegável.

Ele lançou os seguintes projetos: Art Of War (2007), Mr. Red Karpet (2009), Say Now (2010), Behind Closed Doors (2011), Mr. Red Bottoms (2011), e seu mais recente álbum, From The Bottom To The Top, em meados de 2012. Este último álbum espalha uma mensagem positiva de superação de obstáculos e conquista de vitórias. Nu Jerzey Devil constantemente diz, especialmente aos jovens. "Nunca pare e realmente domine seu ofício. Não deixe que ninguém tente impedi-lo de realizar seus sonhos".

Nu Jerzey Devil também é um homem de negócios. Ele decidiu iniciar sua própria gravadora e empresa de entretenimento chamada LiveliHood Entreteniment. Com este movimento, agora ele é capaz de assinar outros artistas e dar-lhes uma chance de alcançar seus objetivos. Ele orgulhosamente afirma: "eu sou um porto-riquenho de origem humilde, que nunca pensou em chegar tão longe. Quero dar ao próximo a chance de conseguir o que eles pensam ser inatingível".

O futuro reserva uma promessa de sucesso contínuo para este jovem produtor, artista, DJ, cineasta e, ator em breve. Ele tem uma capacidade de se impulsionar e alcançar todo e qualquer objetivo que estabelece para si mesmo. Ele é grato aos fãs, colegas e familiares por todo o apoio que tem recebido.

Ele se move na velocidade da luz e não deixe de seguir Nu Jerzey Devil em sua ascensão ao estrelato!

Texto Larry Smith Traduzido e editado por Rachel Quintiliano


NFL
NOR
YA

Eli Efi



"Seja fiel a ele ao ponto de cuidar para não amadurecer demais e apodrecer sem ser bem degustado", orienta Eli Efi aos amantes da cultura hip-hop.

Fundador do grupo DMN, Eli Efi sempre liderou a bandeira da liberdade e da revolução. Defensor assíduo de causas raciais e com um discurso áspero e contundente, o MC hoje se divide entre a música e o trabalho formal de Educador Social nos Estados Unidos. Radicado no pais desde 2004, Eli Efi adquiriu novos hábitos e amadureceu sua música, seus pensamentos e ideais.

Respeitado no cenário do Rap Nacional, Eli Efi sentiu-se à vontade para participar de uma entrevista mais opinativa, sem papas na língua e com uma visão atual, mas ao mesmo tempo delimitada por valores de amor ao hip-hop. O MC fala sobre RAP americano, nova geração, literatura e outros assuntos.

1 No Brasil a literatura é um elemento muito presente no hip-hop e principalmente no RAP. Temos saraus idealizados por rappers, MCs escrevendo livros e participações de poetas em discos de rap, chegando o conhecimento ser considerado o quinto elemento do hip-hop. Fora do país existe esta junção? Como você analisa esta mistura?

Eli Efi: A literatura sem dúvidas é fundamental nao só por conta do hip-hop em si, mas para a superação dos obstáculos na vida. Conhecimento é o passaporte para poder ir mais além do que se acredita e deseja alcançar. Sou feliz em saber que o nosso hip-hop foi muito valente nessa missão, que tem seus êxitos expressivos por conta de pessoas que conseguiram mostrar o poder da literatura e que são do hiphop também.

O hip-hop aqui é a cultura popular, então determinadas coisas já fazem parte mesmo do cotidiano que essa cultura tem feito no quesito transformação. Aqui tem tudo isso e muita gente do hip- hop faz parte de organizações. O legal é que também tem pessoas que não são do hip-hop diretamente, mas a filosofia dessa cultura esta expressivamente no trabalho que realizam, seja na literatura, poesia, na artes plásticas e no dia a dia em si. Existe um Departamento de Cultura Hip-Hop, dentro da Universidade Harvard (http://dubois.fas.harvard.edu/hiphop-archive-harvard-universit), que é uma das universadade mais importante dos Estados Unidos. Graças a tudo que o hip hop brasileiro pode fazer no sentido de formar pessoas, tivemos a honra de ter uma brasileira, a Jaqueline Lima Santos, por alguns meses nesse departamento. Ela levou bastante material para o arquivo de hip-hop dessa que é uma das universidade mais cobiçadas do mundo.

2 Rappers como Emicida, Projota e Rashid se tornaram queridos em diferentes classes sociais, frequentam programas de televisão, falam de amor em suas letras e dispensam o rótulos de underground. Como você analisa este cenário e a atitude desses rappers?

Eli Efi: A minha analise sobre isso é que temos que parar de achar que existe um padrão para fazer as coisas dentro do hip hop. Nao devemos colocar camisa de força numa cultura porque se colocou a serviço de problemas sociais, culturais e raciais. Acho importante cada um fazer aquilo que tem aptidão para fazer e fazer bem isso e não ficar atrelado ao que as pessoas vão pensar ou reclamar.

Existem coisas que são mesmo para nos dividirem e acabam cumprindo com esse papel quando essas situaçoes vêm atona. Acho mais importante as pessoas apoiarem de fato o hip hop porque é comum julgarmos os que conseguem ir mais além e por outro lado as pessoas querem músicas conscientes, mas não compram os discos, não querem pagar o show, não propagam o artista ou grupo nas redes sociais e etc…Isso acaba tirando força daqueles que estão fazendo a música ou a arte de maneira mais profunda, social e radical, que acabam desistindo por não conseguir manter seu trabalho vivo.

Tudo requer persistência, dedicação, tempo e amor... Que no final do dia são sacrifícios que fazemos para poder propagar o que acreditamos. Por isso que acho válido as pessoas começarem a refletir de que forma tem apoiado o hip hop e os artistas mais voltado para essas questões polêmicas, por tratarem da realidade. Por outro lado, nas músicas do Projota, Rashid, Emicida e Kamau tem muita coisa importante sendo dita. A maneira que eu analiso as coisas é ultilzando o que realmente serve pra mim, o que não serve deixo quieto. Por exemplo, em uma dúzia de laranjas boas, pode ter uma que não presta. O certo é jogar fora e consumir as que são boas. Tudo na vida é assim.

Tem gente falando mal dos caras e ouvindo Lil Wayne e Rick Ross. Esses sim não tem nada de compromisso, e o que é pior, estão injetando pensamentos pervertidos, egoista e consumistas na cabeça dos jovens. Vai entender, neh!

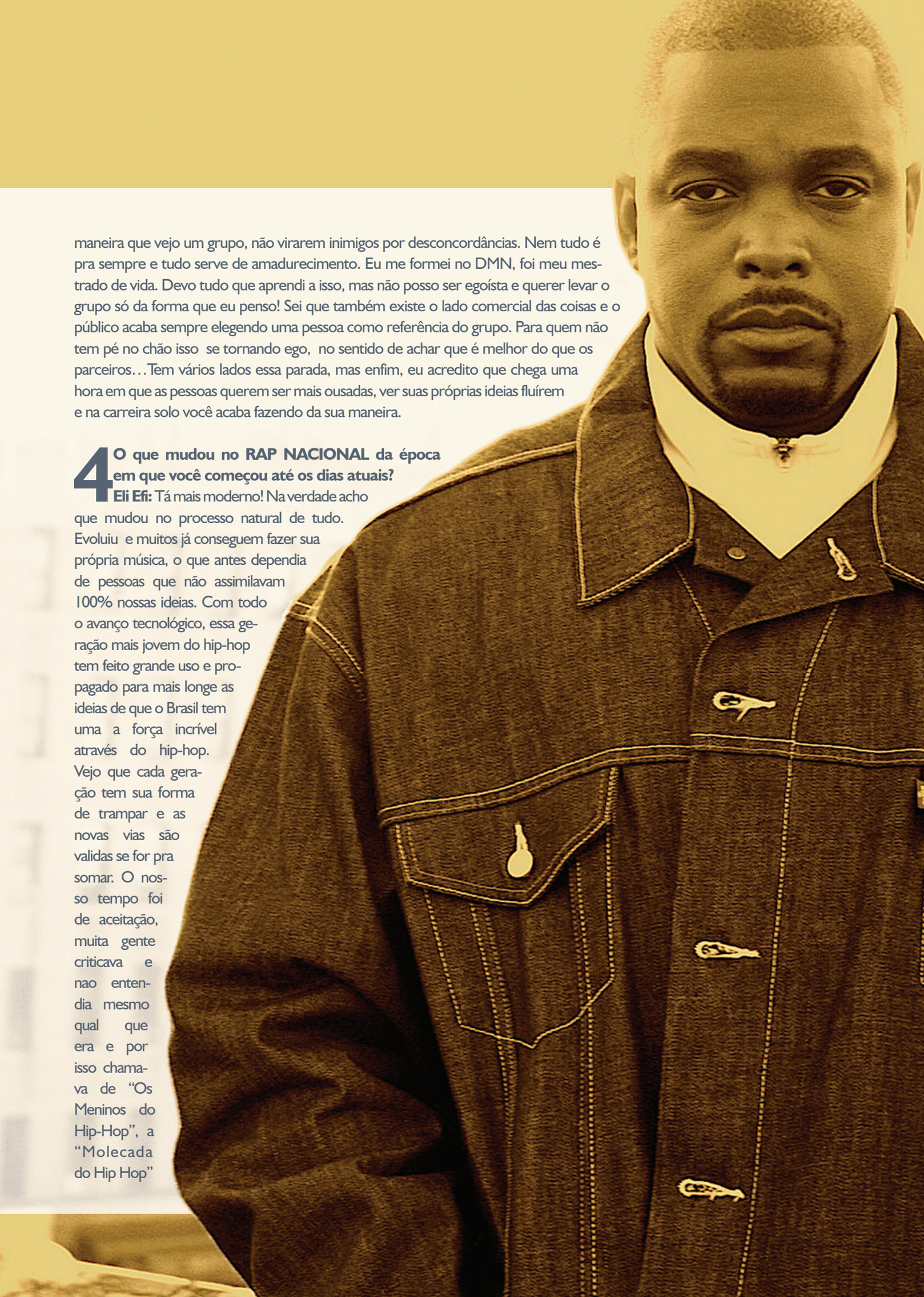
Para finalizar, tem a parada importante que eles estão fazendo que é ter a autonômia do que eles estão produzindo, isso é uma coisa notória porque estão fazendo barulho e são independentes, o que é muito foda no Brasil.

3 Depois do DMN você seguiu carreira solo e foi viver sua vida de uma maneira mais independente. Grupo des rap como víamos antigamente começam a se extinguir e seus componentes seguem carreira solo. Na sua opinião, porque esta opção se tornou mais comum nos últimos tempos?

Eli Efi: Na verdade acho que isso já acontece há muito tempo em outros estilos musicais. Quando se tem um grupo são várias cabeça pra pensar e nem todos pensam iguais. Em determinado momento, a melhor coisa é fazer o que for melhor para que uma familia, que é a

maneira que vejo um grupo, não virarem inimigos por desconcordâncias. Nem tudo é pra sempre e tudo serve de amadurecimento. Eu me formei no DMN, foi meu mestrado de vida. Devo tudo que aprendi a isso, mas não posso ser egoísta e querer levar o grupo só da forma que eu penso! Sei que também existe o lado comercial das coisas e o público acaba sempre elegendo uma pessoa como referência do grupo. Para quem não tem pé no chão isso se tornando ego, no sentido de achar que é melhor do que os parceiros…Tem vários lados essa parada, mas enfim, eu acredito que chega uma hora em que as pessoas querem ser mais ousadas, ver suas próprias ideias fluírem e na carreira solo você acaba fazendo da sua maneira.

4 O que mudou no RAP NACIONAL da época em que você começou até os dias atuais?
Eli Efi: Tá mais moderno! Na verdade acho que mudou no processo natural de tudo. Evoluiu e muitos já conseguem fazer sua própria música, o que antes dependia de pessoas que não assimilavam 100% nossas ideias. Com todo o avanço tecnológico, essa geração mais jovem do hip-hop tem feito grande uso e propagado para mais longe as ideias de que o Brasil tem uma a força incrível através do hip-hop. Vejo que cada geração tem sua forma de trampar e as novas vias são validas se for pra somar. O nosso tempo foi de aceitação, muita gente criticava e nao entendia mesmo qual que era e por isso chamava de "Os Meninos do Hip-Hop", a "Molecada do Hip Hop"



e por aí vai. Depois passou ser objeto de pesquisa por universitários e criadores de teses, já ganhando mais prestigio. Por isso acredito que todo principio é dificil e muitos de nós demos o pontapé inicial de alguma forma. Uns com músicas mais suaves, temas mais leves, e outros mais polêmicos, como o próprio DMN, Racionais, Face Negra, Câmbio Negro, Sistema Negro, Vítima Fatal, entre outros. Para resumir, o hip-hop hoje esta estabelecido e têm cabeça, corpo e pernas para continuar caminhando.

5 O que falta para uma maior evolução em nossa cultura?
Eli Efi: Na minha visão faltam os pretos acreditarem nos pretos e investirem nisso de maneira digna e honesta com os artistas dessa cultura. A indústria brasileira é racista e não quer assumir o hip-hop da mesma forma que assume o funk, por exemplo. O hip-hop ainda é a pedra no sapato do sistema, mesmo sendo um pouco mais suave, falando da quebrada por quebrada. Tem mensagem de descaso e de falta de humanidade às vezes na última frase de um verso da música, mas tem. A indústria quer música que anestesia, com maquiagem de "diversão". Dessa maneira não desperta consciência e não corre o risco de se tornar contra eles mesmos. Eles não querem que esse monte de gente preta da periferia sincronizada na mesma luta, ideias ou posturas. Sem contar que isso não é só um lance da perifeira, porque a classe média já assimilou muita coisa até por forma de segurança, que muita coisa precisa urgentemente ser feita e mudada. Então, com isso acabam legetimando o hip-hop.

6 O Brasil tem a visão, muitas vezes passada pela mídia, de que o Rap americano prega a ostentação nos videoclipe e também no modo de vida dos principais cantores. Isso realmente acontece ou é algo mais ilusório, vendido pela mídia?
Eli Efi: Acontece sim. Os caras estão milhonários, não moram mais no gueto e se sentem poderosos no sentido de mostrar esse "Poder", mesmo sendo de forma negativa. Tudo acaba sendo exagerado demais, muito luxo, diamantes, mulheres, bebidas caras, muitos carros e outras coisas. Isso acaba levando uma geração a pensar que vai ter tudo isso e querer viver dessa maneira. Isso significa mais jovens fora da escola e vendendo drogas para estar mais ou menos parecido com o que os artistas do hip-hop mostram para eles.

Eu trabalho em escola pública como Arte Educador, convivo com jovens de 11 a 14 anos e as conversas deles já são muito estrela, viagem total, sem pé no chão e humildade zero porque não conseguem pensar de maneira "Step by Step". Muitas vezes me parece que regredimos um pouco e voltamos na epoca dos Black Faces, onde quanto maior o exagero, mais os brancos se divertem. Se analisarmos mesmo esta bem parecido, só com um pouco mais de luxo. Parecemos caricaturas quando os vídeos tem os caras cheios de diamantes, os maiores possíveis, e as expressões cada vez mais exageradas. Temos que refletir sobre isso porque por incrível que pareça a industria do hip-hop dos Estados Unidos é dominada pelo os brancos. Acho meio estranho tudo isso, quando vejo alguns vídeos ou shows dos tops de hoje. Enfim, é o que eu, Eli Efi, penso Isso não é o hip-hop.

7 O que você tem ouvido de RAP NACIONAL e nos indica?
Eli Efi: Eu tenho ouvido um pouco de tudo, sou bem eclético e até para ver qual que é, ouço as coisas que todos estão falando. Tenho ouvido bastante o Criolo, gosto do jeito único dele, da forma de escrever poeticamente. Tenho acompanhado alguns grupos novos e velhos, gosto muito do Rael da Rima, do potencial da Flora Matos em cantar e escrever, do Rapadura. E os que nunca perderam lugar na minha seleção de músicas são: Gog, Dexter, Racionais, entre outros...

8 Fale um pouco de como anda sua carreira.
Eli Efi: Minha carreira esta voltada para a continuidade. Gosto de produção de música, sempre quis produzir. Há alguns anos consegui montar meu *home stúdio* e estou curtindo demais tudo isso. Tenho um álbum quase pronto, ainda não lancei por conta de realmente estar seguro do que vou colocar no mundo. Penso no meu amadurecimento em todos esses anos e o quanto eu sou adulto hoje para não querer copiar o que um jovem de 23 faz, só para que eu esteja no jogo. Acho incrível pessoas como por exemplo o Zeca Pagodinho, o Djavan, que conseguem levar três ou mais gerações para ver o mesmo show. Acho que isso é um desafio grande. Acredito ainda no poder

das palavras e da expressão que pode tocar as pessoas e independente de idade, geração, sexo. Vou com certeza lançar o meu álbum o mais pronto possível, tenho milhões de ideias e preciso depachá-las. Tenho feito muitas coisas aqui e as pessoas tem gostado e para quem não sabe, eu sempre canto em português. Cresci ouvindo música internacional sem entender nada, agora é minha vez da dar o troco!

9 Existe uma certa divisão, não totalmente declarada, entre diferentes "estilos" de RAP no Brasil, o que você acha destas divisões?

Eli Efi: Perca de tempo! Atirando no próprio pé! Desnecessário! Acho que estilos são positivos, seria ruim todos fazendo do mesmo jeito, como fórmula. O que seria do verde senão tivesse o amarelo, todos já ouviram isso, né? Porque na realidade é isso mesmo. O que o povo não sabe é que a divisão enfraquece e não é isso que precisamos. Já fomos divididos quando fomos sequestrados da África, então mais divisões só vão acelerar ainda mais o processo de descaso. Não quero que o hip-hop só tenha força nas campanhas politicas, onde os candidatos vêm o poder de comunicação que o hip-hop tem com a periferia e por isso fazem elogios, mas só nessa época. Acredito que temos que ser mais ligeiros nessa questão porque o prejudicado somos nós mesmos, mais ninguém!

10 Deixe um salve!

Eli Efi: Obrigado a todos da Revista RAP NACIONAL pelo convite e por esse espaço onde pude expressar alguns pensamentos. Obrigado também a todos que sempre me apoiaram e estão comigo, mesmo eu não estando morando no Brasil, nessa terra que amo muito. Continuem apoiando o hip-hop por tudo que ele já fez para o povo no planeta e sejam fiéis a ele, ao ponto de cuidar para não amadurecer demais e apodrecer sem ser bem degustado!
Paz à todos!



A febre dos bonés

Por Igor Moraes

Na coluna desta edição vamos falar de um acessório que cada vez mais faz a cabeça das pessoas e também deu uma sacudida nas lojas de Street Wear, com o aumento generoso no número de vendas. Nosso assunto são os bonés (hats).

Nos anos 80, os bonés eram acessórios específicos e não estavam em muitas lojas. Os rappers do Brasil constumavam usar os de times de basquete e beisebol. Já na década de 90 se tornou febre, principalmente os bonés do Chicago Bulls, Boston Celtics, Charlote Hornets e Raiders. Mas como febres vão e vem, os bonés logo deram uma sumida e só voltaram com força total em 2004. Essa nova febre aconteceu com o retorno da New Era Brasil, que fez um trabalho sério e planejado para atingir todos os públicos e idades. Hoje no Brasil os números de vendas de bonés são altíssimos e igualam-se a países como Estados Unidos e Barcelona.

Outra marca que não sai da cabeça dos brasileiros é a Flex Fit. Inclusive, na minha concepção, é a que faz um trabalho mais completo. Eles produzem para várias marcas, atendem vários públicos e sempre respeitam o gosto de cada tribo. Os bonés Flex Fit são facilmente encontrados em lojas de street, surf, skate, motos, entre outras. Essa segmentação é um dos segredos para uma grande marca dar certo. Dessa maneira, o público procura a loja que mais atende o seu estilo e encontra nela o melhor boné.

No Brasil temos também várias marcas, entre pequenas, médias e grandes, que fabricam seu próprios bonés. Mas a falta de tecnologia faz com que esses produtos não atinjam um padrão de qualidade Premium, que agregue valor ao produto. Mas algumas marcas estão se destacando no mercado, principalmente a 1daSul. Se você observar a zona sul de São Paulo de ponta a ponta e resolver contar quantas pessoas estão usando bonés 1daSul, com certeza vai se perder nos cálculos. Isso porque a marca caiu no gosto do público e é usada por mulheres, rapazes e até crianças.

O foco principal da 1daSul, criada pelo escritor Ferréz, é a valorização da periferia e a autossustentabilidade das pessoas envolvidas. Todos os produtos da 1daSul são fabricados dentro do bairro Capão Redondo, em São Paulo/SP, e o que mais vende é um boné feito a mão. A produção é minuciosa e demorada, tanto que para serem produzidos dez bonés é necessário um dia inteiro de trabalho. O fato da produção ser feita pelos moradores do Capão faz como que sejam oferecidas oportunidades de emprego e a renda gire dentro da periferia. A 1daSul é uma prova que empresas podem se manter no mercado e crescer colocando em primeiro lugar o ser humano e não o capital.

Editorial de

Moda Urbana



Ele veste boné Nike, óculos City Locs, camiseta Mafioso e tênis Nike, modelo Suketo. Ela veste regata Adidas, jaqueta Nike, shorts Colcci, óculos City Locs e sneaker Arezzo.





Ele veste boné Official, óculos City Locs, conjunto de jaqueta e calça Nike e tênis Nike, modelo Shox NZ EU. Ela veste camiseta Mafioso, calça e boné Adidas e tênis Nike, modelo Mach Runner SL BR.



Ele veste boné Nike e camiseta Mafioso.
Ela veste boné Adidas e camiseta Nike.



Ele veste look completo Nike e óculos CityLocs
Ela veste jaqueta Nike, regata Adidas e óculos CityLocs.

Consultora de moda: Ana Anderle

smurphies
Disco Club



Apresentação & Mixagens
de DJ Markynhos

Curta todos os dias um novo programa em:

www.smurphiesdiscoclub.com.br
www.smurphies.com

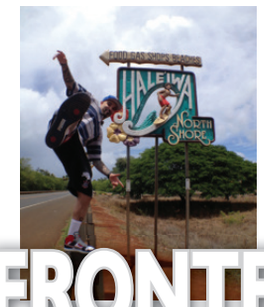




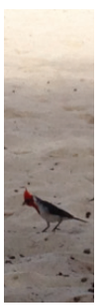






























ARTE SEM FRONTEIRAS

Com objetivo de conhecer uma nova cultura e também de realizar um sonho antigo, o tatuador e grafiteiro Markone viajou no dia 25 de agosto rumo ao Hawaii, nos Estados Unidos. A ideia da viagem surgiu dois anos antes, em conversa com o diretor do Brazilian Cultural Center At The University Of Hawaii, Marcelo Caverna. Markone conheceu Caverna quando ele ainda morava no Brasil e realizava trabalhos culturais e produções artisticas de rap. Aos poucos a dupla foi amadurecendo a ideia até transformá-la em projeto de intercâmbio cultural. “No meu sonho eu imaginava estar em Los Angeles, New York e Miami, e o projeto me levou para além da imaginaçao. A arte se encarregou de ser o passaporte para viagem”, explica Markone.

O projeto da turnê cresceu e eles resolveram convidar outras pessoas. O tatuador Robbie Ice, da Argentina, aceitou o convite e também viajou para o Hawaii. Já Willian do Nascimento Simões, conhecido como Dj Will, aceitou o convite mas não conseguiu embarcar porque o Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo negou o visto. Situações como esta, onde artistas do hip-hop brasileiro têm seus vistos negados, tem se tornado cada vez mais comuns. A direção do Brazilian Cultural Center At The University Of Hawaii ainda pretende levar Dj Will para participar de outras atividades no Hawaii.

O roteiro da tour incluiu visita a lugares turísticos e também a participação no Brazilian Day Celebrations Hawaii 2012, que é a comemoração da











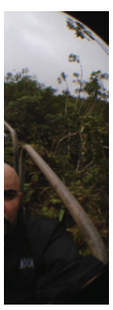





Independência do Brasil. O evento rolou no Hotel Hawaiian Village e reuniu diversos brasileiros que moram lá. Markone aproveitou a ocasião para presentear o Cônsul Eric Crispin com um tênis Puma customizado com as cores do Brasil. “Momentos emocionantes de patriotismo que vimos e sentimos de pessoas que vivem e amam o Brasil, mesmo ilhados entre o oriente e o ocidente”, declara o tatuador.

No dia 15 de setembro, Markone participou de um projeto desenvolvido por um brasileiro que mora no Hawaii. O artista plástico e surfista Hilton Alves está fazendo a diferença na vida de milhares de crianças no Hawaii com seu projeto social Surf Art Kids. Hilton e Markone pintaram dois murais no U.S Vets Pai’olu Kaiaulu, em Waianae, local que abriga famílias desabrigadas com dificuldades financeiras.

Outro momento marcante da viagem foi a visita a uma exposição sobre a história da Tattoo no Hawaii, realizada no Museu de Honolulu. Markone fez um verdadeiro reconhecimento da área e passou por praias e montanhas e até o velho vulcão Diamond Head nãoi foi esquecido. “Experiência única em um lugar típico hawaiano, com toda essência da cultura local e tradições milenares sendo captadas para agregar ainda mais nos meus conhecimentos. Uma riqueza impagável! Preciso voltar lá para confirmar se aquilo tudo foi verdade mesmo, porque o lugar é mágico. Todos devem tentar conhecer e ver de perto. Aloha!”, declara Markone que desembarcou no Brasil em 21 de setembro.




























MARKONE
TATTOOGRAFF
www.markone.com.br
(11) 9817.0220
SÃO PAULO - BRASIL


HAWAII TOUR MMXII
"MARKO"



Apoio:

Marola Discos
PRO VINIL
A LOJA DE HIP HOP DO DF
FONE: 3224-3599
STUDIO CKY
professorcky@gmail.com
PLANETSOM&LUZ
SONORIZAÇÃO - ILUMINAÇÃO - PROJEÇÃO
DaBomb

KDU Fonográfica prepara dois lançamentos

DJ Jean esta envolvido com o hip-hop a miliano, participa do grupo "Rennascer", está a frente do selo KDU Fonográfica e atua como fomentador cultural. Abaixo você confere a opinião dele sobre a evolução do hip-hop e também algumas novidades sobre o rap de Brasília/DF.



Você acredita que o hip-hop está ganhando mais espaço com o passar dos anos?

DJ Jean: Não só o hip-hop, mas também a poesia, literatura, teatro, cinema e outros projetos que vem se destacando na linha de frente aqui no Brasil. Em meados do século XXI vem acontecendo tudo que o hip-hop vinha pregando no início dos anos 80. Eu particularmente me lembro de um trecho de uma música onde o Edi Rock cantava: "Eu vou dizer porque o mundo é assim, poderia ser melhor, mas ele é tão ruim". Mas os tempos são outros e muita coisa mudou, algumas para melhor, é claro. A luta sempre foi grande e no cenário em que nos encontramos não podemos desistir. O hip-hop tem sido reconhecido, mesmo que timidamente positivo. Mas também, às vezes, em ações discriminatórias, como em reportagens de televisão onde escolhem o rap como trilha sonora de matérias policiais. Já na minha opinião o timidamente positivo aparece em algumas campanhas publicitárias e de utilidade pública veiculadas pelo governo. O que considero mais importante é que não podemos desistir, que ainda não chegamos em 100% e podemos até nunca chegar, pois o único perfeito é Deus. Mas os meus 10% eu com certeza estou correndo atrás. Se nos unirmos estaremos cada vez mais próximos de alcançar o respeito e o reconhecimento. As portas governamentais estão abertas para o movimento, com isso vimos a força do hip-hop e isso é gratificante. Todos nós temos que comemorar esta vitória.

E quais são os projetos futuros que você esta desenvolvendo?

Dj Jean: Estamos entrando em uma fase muito promissora com grandes projetos. Eu e os DJs Marola, Nelson Ramos, Markynhos da Smurphies, Ocimar, Rafa e outros parceiros, realizamos recentemente um evento com a gravação de um DVD intitulado "IV Encontro Cultural Hip Hop de Brasília. Esse DVD será lançado em breve e tem a participação de grandes nomes do Rap Nacional. Lançarei também, pelo selo KDU Fonográfica, os trabalhos dos grupos Rennascer Gospel e Pacificadores, que são dois grandes trabalhos que esperamos agradar gregos e troianos. Isso, creio eu, é o que me cabe falar, do mais que está por vir só a Deus pertence!

Contatos: 61 7817-3297
ID 112*35090





EM BREVE NAS LOJAS!



Record: Grupo catarinense, Floripa MC's,

Por Elaine Mafra | **Foto** Felipe Miranda

Quem pensou que o CD "Bang do Cash Jogadores", lançado pelo Floripa MC's em 2011, com 44 músicas, era recorde inatingível, se enganou. Agora, o grupo, formado por MC BB Gigante, MC Baby, MC Gamam, Guinevá e Dj Vinil, prepara um CD com no mínimo 120 faixas. O disco "Evoluiu… Já é" será divido em três temas: corpo, mente e coração. Todas as músicas já estão gravadas e o álbum está previsto para janeiro de 2013, com várias participações especiais e instrumentais de diversos beatmakers consagrados, entre eles André Laudz, Cabes, Skeeter, Marrom, Zinho Beats, Gedson Dias, Goss, Dário, Matz Beats e FL. A produção geral do álbum, mixagem e masterização foi feita no estúdio Unsom, pelo rapper e produtor Marrom, ex integrante do RZO. Para saber mais sobre esse novo trabalho batemos um papo com MC BB Gigante, líder do Floripa MCs.

1 A curiosidade maior de todo mundo é: Por que 120 músicas?

MC BB Gigante: Ninguém fez isso na história da música e queremos chegar pesado. Com 120 músicas é impossível ter alguém que não goste de nenhuma. Cada um tem seu gosto e o Floripa MCs tem música para todos os gostos. Queremos ser o primeiro grupo a lançar um CD com 120 músicas. Um verdadeiro record!

2 Fazer música é um vício ou uma necessidade?

MC BB Gigante: Primeiro foi



s, prestes a lançar álbum com 120 músicas

uma necessidade, porque a música foi minha escola, mas agora virou vício. Todos os dias eu escrevo e escuto beats. Eu vivo e respiro música 24h por dia.

3 E como surgiu a ideia de fazer essa separação do disco por temas?

MC BB Gigante: A ideia foi do mestre Marrom, do estúdio Unsom. Ele que percebeu essa sutil diferença entre as músicas e sugeriu que lançassemos o disco dividido em músicas para o corpo, a mente e o coração. O mais interessante é que conseguimos falar de tudo isso sem perder a essência do rap.

4 O disco fecha mesmo com 120 músicas ou vem mais ainda?

MC BB Gigante: Na real já tem 121 músicas gravadas. Eu acho que agora fecha, mas eu tenho mais dez sons que quero gravar para lançar junto. O disco vai para fábrica em novembro, se até lá esses sons estiverem gravados, entram, senão ficam as 120 mesmo.

5 E quem participa desse novo disco?

MC BB Gigante: As participações são: Negro Rudhy (Armaz-en), Rael LDC, Fatho, MC Lipefe, MC Bing Man, Mih Cheli, Ruda Zion, RFL, Sonic (Efikaz), Marrom, Goss, João (Manifesto), Crônica Mendes (A Família) e Mandrake. O Floripa MCs esta sempre rodeado de amigos, então essas participações surgiram de forma natural. São pessoas que estão lado a lado conosco no dia a dia e por isso chamamos para participar.

6 Nesse novo CD vocês misturam rap com funk e samba. Você acha que essa mescla musical é a cara do novo rap?

MC BB Gigante: O rap é uma mú

sica que dá para misturar com vários outros estilos. Como eu não aguento mais funk ruim, resolvi fazer um funk de responsa. Essa música chama-se "Adeus para o crime" e a rapa que curte um batidão terá a oportunidade de ouvir uma ideia completamente diferente do que estão acostumados. Já o lance de fazer um samba foi diferente. Eu adoro samba e sempre quis misturar. Acho que esse som vai virar muito porque a ideia é a mesma, só muda a batida.

7 O que você tem ouvido atualmente?
MC BB Gigante: Eu escuto Racionais Mc's, Facção Central, Don L, Rashid, Projota, Criolo, Marrom, Fatho, Seu Jorge, Chico Buarque, Leandro Sapucahy, Zeca Pagodinho, Kanye West, Jay-Z, Cartola, Zé Keti e mais uma rapaziada que se eu for citar não terá espaço.

8 Em 2012 você ficou mais de 30 dias preso injustamente. Nesse período você compôs algumas músicas?
MC BB Gigante: Escrevi sete músicas, uma delas foi "Hoje eu Mudei". Essa letra foi escrita num momento ruim, cheio de incertezas.

9 Esse período na prisão fez você pensar em desistir ou deu mais garra para correr atrás dos seus objetivos?
MC BB Gigante: Em nenhum momento pensei em desistir. Todos os segundos que passei estava com minha mente focada no meu CD, que é meu sonho, minha vida. Sem a música não consigo viver. Mesmo amargando o veneno do veneno, depois de 15 dias lá dentro consegui uma caneta e comecei a escrever atrás das folhas do meu processo. Tive bastante fé e sei que Deus tem uma missão para mim e nada vai me impedir de cumpri-la. Foram 30 dias de terror, mas passou e eu sai disposto a fazer o sonho virar realidade. Se antes eu já me dedicava, agora me dedico quatro vezes mais. Não posso perder tempo, tenho que finalizar meus projetos.

10 Quais são seus objetivos com a música?
MC BB Gigante: Quero ser reconhecido pela minha música e também pelo ser humano que sou. Meu maior objetivo é salvar vidas e ensinar um pouco do que sei. Quero levar educação através dos meus sons e abrir portas para outros jovens. Quero ganhar milhões com o rap para investir em vidas. Não faço música por dinheiro, faço por amor, mas a grana faz parte do reconhecimento.

11 Você teve uma infância e adolescência bem dificil e hoje serve de exemplo para vários moleques. Nas suas letras você tem essa preocupação em mandar uma ideia para que outros não cometam os mesmos erros que você?
MC BB Gigante: Conheço muito bem o jogo e sei que tenho muito a ensinar para os jovens. Escrevo só a real, sem ilusão. Nada é facil e por isso eu sempre prego nas minhas letras a importância do estudo. Tem que estudar sempre, senão nada muda. Tem que ser do bem e não ser otário. Pensamento positivo pode mudar uma vida e se a molecada prestar atenção nas minhas letras não vão precisar sofrer para aprender.





Nosso papel vai muito além do impresso...
Portal Rap Nacional
Revista - Site - TV - Rádio - Loja
13 anos de credibilidade
35 mil visitas por dia



www.rapnacional.com.br



CRÔNICA



COCÃO



CARLO

ARTE: TATO SIANSI (KAUZARE STUDIO)

CONTINUE OUVINDO RAP

PRODUZIDO POR RJAY. MIXADA POR DJ RAFFA. PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: NDEE NALDINHO

CONTINUE OUVINDO RAP É UM PROJETO QUE, ALÉM DE RESSALTAR A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA RAP NACIONAL NOS QUATRO CANTOS DO BRASIL, AGREGA NOMES IMPORTANTES DO CENÁRIO. DAS ARTES VISUAIS À PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÕES MAIS QUE ESPECIAIS. O RAP SEMPRE ACOMPANHOU OS DRAMAS E AS GLÓRIAS DO POVO DA PERIFERIA E ASSIM SEGUE. DESDE AS FAVELAS, ESCOLAS, AOS CORAÇÕES E MENTES DAS PESSOAS. ESTEJAM ELAS ONDE ESTIVEREM.

NO PROJETO A MÚSICA HOMÔNIMA, CONTINUE OUVINDO RAP E OUTRAS QUATRO INÉDITAS. O CD É DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E VENDA PROIBIDA QUE SERÁ DISTRIBUÍDO NO MÊS DE OUTUBRO EM DIVERSOS PONTOS. ACOMPANHE AS NOTÍCIAS DO PROJETO NO PORTAL RAP NACIONAL.

ACESSE (WWW.RAPNACIONAL.COM.BR/CONTINUEOUVINDORAP) FAÇA O DOWNLOAD DA MÚSICA E CONFIRA OUTROS CONTEÚDOS EXCLUSIVOS. VOCÊ PODE COMPRAR A CAMISETA DO PROJETO NA LOJA VIRTUAL DO PORTAL.

CONTATO: (11) 99613-6699 / 98693-0939 - NINAFIDELES@GMAIL.COM

Rei, do Cirurgia Moral, troca

A história do rapper Rei, do Cirurgia Moral, parece mais roteiro de filme. O envolvimento com o crime, tráfico de drogas, tentativas de homicídios e várias prisões pareciam trechos de um filme que acabaria com um triste final. Mas há quatro anos o improvável aconteceu! Rei se libertou de tudo isso e passou a dedicar sua vida a Deus. O mais interessante é que o primeiro contato que ele teve com as palavras do Senhor foi através de mensagens enviadas por Dj Jamaika, no Orkut. Hoje, Rei vive um novo momento e deixou para trás a vida do crime e do vício. Nesta entrevista ele faz uma reflexão sobre a atual fase de sua vida, conta como foi sua conversão e os planos para o futuro.

1 O que você tem feito ultimamente?

Rei: Tenho orado muito agradecendo a DEUS por essa nova oportunidade que me deu, em estar servindo a Ele e pedindo que o velho Rei morra a cada dia. Tenho também trabalhado muito nesse novo projeto que Deus colocou no meu caminho, para que seja para honra e glória d'Ele.

2 O Cirurgia Moral acabou?

Rei: Parcero, tô vivendo de acordo com o que Deus quer para mim, mas sei que é dificil se desligar de uma coisa que você viveu a vida inteira. Hoje eu estou com 37 anos e comecei minha trajetória dentro do Rap aos 12. Imagina só… Uma vida onde você almoça Rap, janta Rap, dorme Rap! É um bagulho que tá no DNA. Quando formamos o grupo Cirurgia Moral, eu e o Dj W, nunca pensávamos que chegaríamos onde chegamos. Foram bons anos, onde pudemos mostrar a verdadeira face do submundo do crime. Não de fora para dentro, mas de dentro para fora. Quando eu resolvi gravar um disco solo, depois de quatro pelo Cirurgia Moral, o Dj W resolveu se desligar. Acho que ele pensou que eu iria continuar com a carreira solo, mas não. Tanto que depois que eu gravei o "A ocasião faz o ladrão", ainda gravei outros dois CDs do Cirurgia Moral. A caminhada continua, não sei se com o nome Rei, ou com o nome Cirurgia Moral. O nome Cirurgia acho que poderia ser usado nessa nova vida porque é um nome neutro, sem apologia, mas quem vai dar mais essa direção não sou eu, é Deus.

3 Quando ocorreu a sua conversão e como isso aconteceu?

Rei: Deus tem um propósito na vida de cada um. Antes eu falava de Deus nas músicas sem conhecer o que verdadeiramente Deus é. Se eu fosse contar todos os livramentos que Ele me deu, as páginas dessa revista não seriam suficientes. Mesmo estando no Rap, trabalhando, com uma família para cuidar, eu não conseguia me desligar do crime e das drogas. Sempre envolvido em alguma fita e, às vezes, mesmo quando eu não estava envolvido, conseguiam me envolver. No tráfico então nem se fala. Perdi vários anos da minha vida envolvido com tudo o que era errado, não dando nenhum espaço para amor e afeto à minha familia. Uma certa vez alguém me perguntou: Qual é mesmo Rei, você tá envolvido nessas paradas é para fazer as suas letras de Rap? Fiquei calado, pois nem eu sabia a verdadeira resposta. Em meio a tudo isso, da quadrilha que eu fazia parte na adolescência, eu era um dos poucos que não tinha homicídio. Naquela época eu era doido para matar alguém. Tentei várias vezes, tanto que eu devo ter umas seis tentativas, baleei vários, mandei vários para o hospital. Mas graças ao bom Deus, não tenho sangue de nenhuma pessoa nas minhas mãos. Me recordo de uma fita, em que num raro momento em que eu não estava com os camaradas, eles mataram um cara e uma das vítimas que sobreviveu me acusou, dizendo que tinha sido eu. Fui parar no júri popular do DF, mas graças a Deus fui absolvido. De lá pra cá eu dei uma maneirada, mas em 2008 fui preso em flagrante com quase meio quilo de maconha. Olha só como Deus age. Muitos amigos já me alertavam sobre o perigo que eu estava correndo, muitos falavam de Deus para mim, só que eu não queria saber de nada, não dava ouvidos. Até que uma coisa me chamou a atenção. O Jamaika me mandou duas mensagens pelo Orkut me falando de Deus, que era para eu largar a vida que eu estava levando e seguir a Jesus Cristo. Isso foi num domingo e o Jamaika já tinha se convertido há uns seis anos. Quando eu li aquelas mensagens eu disse: Tá doido! Apaguei as duas mensagens que ele me mandou. Mas no dia seguinte, uma segunda-feira, às 18h, eu estava com a cara na calçada, com as mãos algemadas para trás, vários policiais e viaturas ao meu redor. Nesse momento eu lembrei daquelas mensagens. Eu ja tinha várias passagens e ainda respondia um inquérito ou outro, já tinha chegado a porta da prisão várias vezes, mas sempre meu advogado não deixava eu descer, mas dessa vez não teve jeito. Deus queria que eu conhecesse quem ele era e na prisão fiz uma aliança, que se ele me desse outra chance eu seguiria o seu caminho, e ele usou o Dr. Allan Kardec para me ajudar. Enfim, de uma pena de cinco anos, cumpri um mês de tranca e na mão dos desembargadores fui absolvido. Então, Deus tem um plano pra mim ou não?

o crime por Deus







4 Você pretende lançar um disco de rap gospel? Quais são os projetos para o futuro?

Rei: Tenho sim, inclusive já estou em estúdio gravando, com a produção do Duck Jay, participação do GOG, Congregacional Family, Dj Jamaika, o próprio Duck Jay e outras que são surpresas. No futuro pretendo abrir o meu próprio estudio, o Cavalo Doido Produções.

5 Na letra da música "Renova-me", lançada em setembro no Portal Rap Nacional, você fala: "Não fiquem tristes por mim guerreiros do rap". Você acha que os fãs que curtiam o Rei antes podem lhe abandonar nessa nova fase?

Rei: Ouvi vários comentários que eu tinha me convertido apenas até a minha sentença sair e ser absolvido, que no momento em que eu fosse absolvido eu iria voltar a ser como antes, ouvi de amigos, familiares e tantos outros. O compromisso que eu fiz com Deus foi e é serio, todos esperavam de mim o pior, como sempre esperavam que eu caísse na loucura. Estou engatinhando no evangelho, só tenho quatro anos de convertido e lógico que eu ainda tenho risco de cair, assim como um pastor de 30 anos de ministério ou como qualquer evangélico, pois somos carne e lutamos contra ela. O segredo é jejum, oração e pedir sempre para o Espírito Santo da Morte, matar o velho Rei todos os dias. Não acho que aqueles que acompanham a minha caminhada, possam abandonar o Cirurgia, talvez um ou outro, depende do coração de cada um. Eu, no meu caso, ficaria muito feliz se alguém que eu admiro e tenho respeito mudasse para melhor, independente de qualquer coisa.

6 Tem alguma coisa que você cantou nos discos anteriores, que agora com a conversão você se arrepende? O que?

Rei: Olha, se eu te falar que não me arrependo vou estar mentindo. Mas tudo o que eu falei foi permitido que eu falasse, para que o meu testemunho fosse bom aos olhos do Senhor e para que as pessoas que me ouviam ou ouvem pudessem ver que é possivel mudar, é possivel nascer de novo. Fui um dos precursores do gangsta Rap no Brasil, senão o primeiro. Enquantos muitos falavam das desigualdades sociais, raciais e outras dificuldades que nós da periferia passamos, eu já falava do crime em si, era no estilo apologia pura, exaltava os grandes marginais e escrevia muito da minha vida, do que eu vivia. Em "A minha parte eu faço", muitos acharam ridículo, acharam pesado, acharam que eu tava apelando, mas os mesmos que me criticaram hoje tentam fazer um Rap parecido, porque hoje é o que tá dando dinheiro. Quando eu fazia o som mais pesado, fazia porque era a minha vida, não tinha dinheiro envolvido, quem se identificasse gostava, não era nada forçado, era natural, era o que o parceiro da Rocinha tava passando, o cara de Campinas, da Ceilândia, enfim onde tivesse uma periferia, um barraco, uma favela, os caras se identificavam porque quem tá no crime sabia do que eu tava falando, sabia que aquilo era verdadeiro, então colecionei milhares de fãs e dezenas de desafetos.

7 Você ficou conhecido no Brasil inteiro numa época em que a divulgação era bem mais difícil, já que não contávamos com as facilidades da internet. Você acha que essa nova fase, mais digital, atrapalhou ou ajudou o rap nacional?

Rei: Eu acho que por um lado ficou meio descartável, é tanta informação musical que o prazer de você ouvir algo inédito, onde você só ouvia no rádio ou nos bailes, perdeu um pouco o brilho. O prazer de ir a um lugar sabendo que só lá você vai ouvir aquela canção acabou, por outro lado quebraram-se as barreiras da divulgação. Quando a coisa é boa estoura em pouco tempo, quando é ruim é motivo de chacota, é o céu e o inferno dentro de um monitor.

8 Ainda existe alguma treta entre você e outros rappers de Brasília?

Rei: Não.

9 O que você esta ouvindo, seja rap nacional, gringo, gospel, secular, outros estilos....

Rei: Gosto muito de ouvir Raiz Coral, Proceder da Fé, Congregacional Family, Dj Jamaika, Realidade Cruel, Trazendo a Arca, Fernandinho, um cara que me identifico muito e acho a trajetoria dele um pouco parecida com a minha é o Lázaro, ex Olodum, gosto bastante, e tem uns moleques novos aqui da area que tambem tão mandando ver, que é o Anju Rebeld, Primo i, 13 Poder, meu parceiro Duck Jay e o Tribo da Periferia, Guindart 121 e tantos outros que tem algo e conteúdo a dizer, não necessariamente gospel, mas que retratam a realidade como ela realmente é.

10 Salve...

Rei: Um grande salve a todos que sempre torceram por mim e que sabem o quanto minha vida foi difícil. Quero agradecer a todos que sempre curtiram Cirurgia Moral, os que não curtiram, os que estão comigo nessa nova caminhada e todos aqueles que sempre acreditaram e os que desacreditaram também. Valeu.

A revista **RAP NACIONAL** para tablet já está em **O Jornaleiro**

APLICATIVO **GRÁTIS**



Disponível na Apple App Store — Acesse a Apple App Store

Procure e instale o aplicativo O Jornaleiro

Abra O Jornaleiro e baixe as edições

Instale agora e experimente os exemplares gratuitos.

Powered by Gol mobile

O JORNALEIRO



Anúncie na única publicação
impressa e periódica do
Hip-Hop Brasileiro

revista@rapnacional.com.br
(47) 3046-6156 | 985*21322